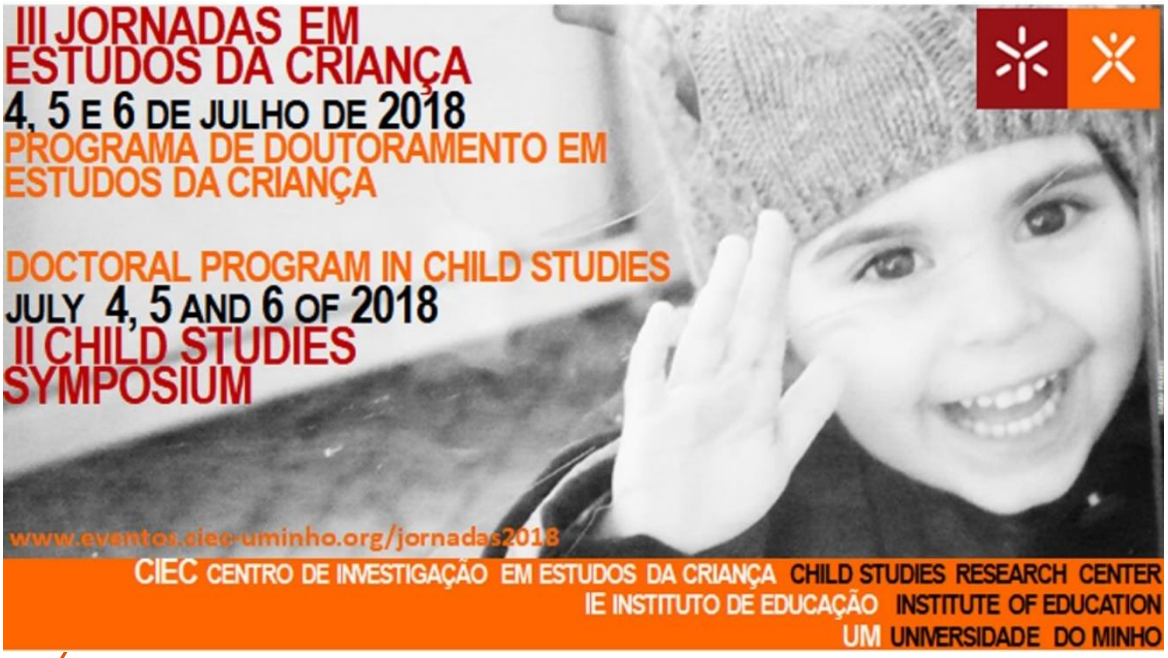
Universidade do Minho
Instituto de Educação

Programa e Resumos III Jornadas em Estudos da Criança

2018



Coordenadores:

Inês P. Silva, Inês Martins; Fernando Azevedo, M. Helena Vieira, Pedro Palhares, Ana Serrano, Graça Carvalho & Beatriz Pereira

Cofinanciado por:

COMPETE 2020 · PORTUGAL 2020 · UNIÃO EUROPEIA Fundo Europeu de Desenvolvimento Regional · FCT Fundação para a Ciência e a Tecnologia

Estas Jornadas receberam financiamento do CIEC (Centro de Investigação em Estudos da Criança), pelo Projeto Estratégico UID/CED/00317/2013, através dos Fundos Nacionais da FCT (Fundação para a Ciência e a Tecnologia), cofinanciado pelo Fundo Europeu de Desenvolvimento Regional (FEDER) através do COMPETE 2020 – Programa Operacional Competitividade e Internacionalização (POCI) com a referência POCI-01-0145-FEDER-007562

Os textos foram escritos por investigadores de Portugal e do Brasil pelo que se vão registar diferenças de escrita decorrentes dessa origem.

ISBN: 978-972-8952-54-9

COPYRIGHT © 2018 pelo Centro de Investigação em Estudos da Criança (CIEC)
Instituto de Educação, Universidade do Minho
Todos os direitos reservados
Capa: Sandra Palhares
Impresso em Portugal
www.ciec-uminho.org
jornadasestudoscrianca@ie.uminho.pt

Índice

Índice 2
Programa JEC III 6
Nota Introdutória 14
Conferências JEC III 14
A tessitura brincante dos livros artesanais: da experiência à experimentação 14
Educação e Cultura Motora na Infância 14
O papel da pedagogia musical na aprendizagem colaborativa das crianças 15
Educação Dramática 16
10 - Era uma vez... Shakespeare! E ele vai nos contar a história de uma Tempestade. 16
19 - Teatro para e com bebés: expressão, comunicação e participação dos atores, educadores de infância, bebés e crianças até aos três anos 17
Educação Especial 19
15 - A perspetiva de Equipas Locais de Intervenção acerca do envolvimento dos pais no processo de elegibilidade para a Intervenção Precoce 19
31 - RECURSOS ADAPTADOS PARA ALUNOS COM AUTISMO NO PROCESSO ESCOLAR 20
37 - Benefícios da Intervenção Precoce: Um estudo de caso com famílias da zona Norte de Portugal 21
47 - Habilidades Motoras Finas em crianças com Perturbação do Espectro do Autismo na zona norte de Portugal 21
48 - Habilidades Motoras globais: um estudo comparativo entre crianças com e sem Perturbação do Espectro do Autismo 22
73 - A participação das famílias no apoio prestado pelas Equipas Locais de Intervenção Precoce: a perspetiva dos familiares. 23
78 - Transição para a Vida Adulta de alunos com Necessidades Educativas Especiais: Percursos de formação no sistema educativo português 23
Educação Física 25
2- Relação entre circunferência da cintura e hipertensão arterial em crianças e adolescentes 25
3- Associação entre a Aptidão Física e a Hiperlordose Lombar em Crianças e Adolescentes. 26
6 - A CRIANÇA E O BRINCAR NA “IDADE MÍDIA”: RELAÇÕES COM A EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR 26
54 - A nova Base Nacional Comum Curricular no Brasil: discussões sobre a implementação na disciplina de Educação Física 27
62 - Diálogos sobre as relações étnico-raciais: interfaces entre Crianças, Educação Física e Diversidade Cultural. 28
68 - Como se relacionam as crianças em contexto de jogo? Um estudo realizado em crianças do 1º ciclo 29

18 - Educação física infantil: o olhar do professor para a criança como interlocutora da prática pedagógica 30

69 - JOGOS E BRINCADEIRAS COMO FOMENTO À PRODUÇÃO CULTURAL DAS CRIANÇAS NA EDUCAÇÃO FÍSICA COM A INFÂNCIA 31

74 - Brincar na infância: conceções e valorização dos pais e educadoras de infância sobre o brincar32

80 - A dança como recurso facilitador para a(s) aprendizagem(ns) da criança – Vivências de uma estagiária 33

Educação Musical 34

26 - Estilos e géneros musicais no EAE da Música em Portugal: passado, presente e perspetivas futuras 34

44 - O acesso das crianças em idade escolar à aprendizagem musical: repercussões históricas à luz do ideário da escola pública. 35

45 - A função da disciplina de Formação Musical no ensino especializado de música português hoje: o que diz a lei e o que diz a literatura. 35

46 - Causas de ansiedade na performance de crianças e jovens alunos de fagote. Alguns resultados de um projeto de investigação ação. 36

64 - Educação musical pelo coro infantojuvenil: a experiência do PCIU! 37

71 - O uso de conjuntos de guitarras (violões) no processo de musicalização escolar: estratégias, possibilidades e limites 38

Educação Visual 39

53 - O Diário Gráfico como auto-regulador da aprendizagem e como fator de desenvolvimento de competências – Representações dos professores de Educação Visual e de Educação Tecnológica sobre o uso do Diário Gráfico em contexto educativo. 39

Literatura para a Infância 40

25 - Narrativas ilustradas, literatura infantil e valores morais. 40

32 - BRANCA DE NEVE NO FILME ESPELHO, ESPELHO MEU 40

34 - Educação literária para bebês: do berço aos livros infantis 41

41 - Infância e Literatura: experiência estética e formação de pequenos leitores 41

42 - As ovelhas são brancas ou pretas? Quando uma pergunta permite (re)construir 42

50 - Brincar com palavras mal rompe a manhã: a poesia de José Paulo Paes e o processo de alfabetização. 43

52 - Educar para o Desenvolvimento da Cidadania: Ideias práticas com o auxílio do livro O Elmer ... 43

55 - Histórias de andar à roda: contributos para uma caracterização do livro-carrossel para a infância 44

57 - Educação Literária na Educação Pré-escolar e no 1ºciclo 45

58 - Planificar na Educação Pré-escolar e no 1º Ciclo do Ensino Básico: Os Contos da Tradição Oral como instrumento de educação para a cidadania e multiculturalidade. 45

60 - Teoria e prática da ecoliteracia na literatura infantil 46

72 - Contos tradicionais: Uma leitura do livro Fadas no Divã nas aulas de Literatura e Infância 46
79 - "A Surpresa de Handa": trabalhar a educação literária no 1º Ciclo do EB..... 47
Metodologia e Supervisão em Educação de Infância 48
67 - EDUCAÇÃO INFANTIL NA LUSOFONIA: revisitando práticas pedagógicas de arte e cultura 48
70 - Educação Escolar em Arte: corpo, cultura popular e ludicidade 49
Psicologia do Desenvolvimento e Educação 50
7 - ADAPTAÇÃO E VALIDAÇÃO DE UMA ESCALA SOBRE PERCEÇÕES DE CLIMA PARA A CRIATIVIDADE EM CONTEXTO ESCOLAR 50
12 - PROPUESTA DE PROGRAMA DE INTERVENCIÓN PARA EL DESARROLLO DE LA COMPETENCIA EMOCIONAL EN EDUCACIÓN INFANTIL..... 50
39 - Efeitos das práticas de leitura para as crianças no seu desenvolvimento lexical 51
43 - OS ESTILOS PARENTAIS E A INFLUÊNCIA NA APRENDIZAGEM DA CRIANÇA 52
Saúde Infantil 54
20 - Preparação dos instrumentos de recolha de dados para a Avaliação de Competências Auditivas e Cognitivo-linguísticas em Crianças de Idade Escolar..... 54
40 - As orientações governamentais dos setores da Saúde e da Educação na Promoção e Educação para a Saúde em Meio Escolar: complementares ou opostas? 55
63 - Construção Compartilhada do Conhecimento: Reflexões sobre a potência do diálogo em relações sociais desiguais..... 56
65 - Quanto pesa a nossa Saúde Infantil? - Estudo em crianças e adolescentes da zona centro..... 57
75 - Eu brinquei, vocês brincaram… e eles brincam? O direito de brincar nos nossos dias 58
76 - Carta da Criança Hospitalizada - A humanização dos cuidados de saúde às crianças..... 59
Sociologia da Infância..... 60
4 - A criança em tribunal: entre os espaços e a participação 60
24 - Participação de crianças entre os três e os seis anos na aprendizagem: brincar ao ar livre 61
28 - Conexão bebé-mãe: a experiência da prática do Babyoga como um caminho de amor com o Ser-bebé..... 62
36 - Comportamento Proativo na Infância e o Lúdico: Ginásios/Academias Kids em Foco 63
51 - Study case on Filial Piety and the Children´s Right of Participation in contemporary urban China - Analysis on the first stage of data collection. 64
56 - Bullying escolar: a (in)visibilidade do fenômeno 65
Outros temas em estudos da Criança 66
5 – Cuidar/Educar na Educação Infantil: a formação das educadoras que atuam com bebês e crianças pequenas em um Projeto de Extensão Universitária..... 66
8 - O QUÊ FAZEM AS CRIANÇAS FAZEM NO RECREIO? UM ESTUDO DA CULTURA LÚDICA NO ENSINO FUNDAMENTAL 67
9 - Por uma Política Nacional para a Educação Infantil: os Cadernos da COEDI (1994-1998) 68

11 - Los espacios como recurso en educación infantil 69
14 - Estudos da infância no hemisfério sul: investigação nos países africanos de língua portuguesa 69
16 - O que é ser bebé da cultura cigana em Portugal 70
17 - Intervenção em habilidades sociais e bullying: um ano de follow up 71
21 - Infância, crianças e participação: questões em debate 72
27 - CRIANÇAS E VIOLÊNCIA EM CONTEXTO ESCOLAR 73
29 - Paisagem Açoriana como Contributo as Infâncias: Diálogo com o Escritor Joel Neto..... 73
38 - Bullying e vídeo games: a relação entre os jogos digitais violentos e o comportamento dos jovens. 74
61 - Criança bilingue em contexto migratório: o projeto lusófono em Bonn, Alemanha..... 75

Programa JEC III

Quarta-Feira, 4 de Julho

8:30 Abertura do Secretariado

Entrega de documentação

9:00 Sessão de abertura (Anfiteatro do Instituto de Educação)

9:30 – 10:30 Mesa Redonda 1 (Anfiteatro do Instituto de Educação)

Moderador: Fernando Azevedo

A tessitura brincante dos livros artesanais: da experiência à experimentação
Eliane Debus - Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC, Brasil).

Educação e Cultura Motora na Infância
Rui Mendes - Instituto Politécnico de Coimbra, ESEC; Universidade de Coimbra, CIDAF; Coordenador do Mestrado em Jogo e Motricidade na Infância, ESEC-IPC

10:30 – 11:00 Intervalo

11:00 – 13:00 Comunicações Livres

Painel 1 – Literatura para a Infância (Sala de atos 1104)

Moderador: Sara Reis

25 - Narrativas ilustradas, literatura infantil e valores morais.
Luzia Eneas e Fernando Azevedo
32 - BRANCA DE NEVE NO FILME ESPELHO, ESPELHO MEU
Hilma Silva, Verônica Pontes e Fernando Azevedo
34 - Educação literária para bebês: do berço aos livros infantis
Renata Junqueira Souza e Angela Balca
50 - Brincar com palavras mal rompe a manhã: a poesia de José Paulo Paes e o processo de alfabetização.
Joana D'Arc Herkenhoff, Elizabeth Lyrio Lozer e Renata Junqueira de Souza
52 - Educar para o Desenvolvimento da Cidadania: Ideias práticas com o auxílio do livro O Elmer
Ana Cláudia Carvalho, Ana Margarida Jesus, Ana Rita Hardman, Andreia Liliana Torres, Cátia Alexandra Oliveira, Raquel Maria Silva e Fernando Azevedo
72 - Contos tradicionais: Uma leitura do livro Fadas no Divã nas aulas de Literatura e Infância
Lilane Maria de Moura Chagas

Painel 2 – Sociologia da Infância (Anfiteatro do Instituto de Educação)

Moderador: Ana Maria Eyng

56 - Bullying escolar: a (in)visibilidade do fenômeno
Rosana Farenzena e Beatriz Pereira
17 - Intervenção em habilidades sociais e bullying: um ano de follow up
Jorge Luiz Da Silva, Isis Pires Gonçalves, Beatriz Oliveira Pereira e Marta Angélica Iossi Silva
27 - CRIANÇAS E VIOLÊNCIA EM CONTEXTO ESCOLAR
Gislene De Souza e Maria Emília Vilarinho Zão
14 - Estudos da infância no hemisfério sul: investigação nos países africanos de língua portuguesa
Letícia de Souza

13:00 – 14:30 Almoço

14:30 – 16:30 Comunicações Livres

Painel 3 – Educação Especial (Sala de atos 1104)

Moderador: Suzana Caldeira

15 - A perspetiva de Equipas Locais de Intervenção acerca do envolvimento dos pais no processo de elegibilidade para a Intervenção Precoce
Rita Laranjeira e Ana Serrano
31 - RECURSOS ADAPTADOS PARA ALUNOS COM AUTISMO NO PROCESSO ESCOLAR
Natália Weirich e Rita Cóssio
73 - A participação das famílias no apoio prestado pelas Equipas Locais de Intervenção Precoce: a perspetiva dos familiares.
Marta Joana Pinto e Ana Maria Serrano
78 - Transição para a Vida Adulta de alunos com Necessidades Educativas Especiais: Percursos de formação no sistema educativo português
Luís Fanzeres, Anabela Cruz-Santos e Sofia Santos

Painel 4 – Educação Infantil (Anfiteatro do Instituto de Educação)

Moderador: Cristina Parente

5 – Cuidar/Educar na Educação Infantil: a formação das educadoras que atuam com bebês e crianças pequenas em um Projeto de Extensão Universitária
Andressa Martins e Aline Sommerhalder
9 - Por uma Política Nacional para a Educação Infantil: os Cadernos da COEDI (1994-1998)

Simone Peres
11 - Los espacios como recurso en educación infantil
Clara Isabel Fernández Rodicio and Cristina Manteca Pérez
21 - Infância, crianças e participação: questões em debate
Lisandra Ogg Gomes

16:30 – 16:45 Intervalo

16:45 – 17:45 Apresentação de Pósters (Hall Poente (EPsi))

Moderador:

37 - Benefícios da Intervenção Precoce: Um estudo de caso com famílias da zona Norte de Portugal
Carina Leite e Ana Paula Pereira
42 - As ovelhas são brancas ou pretas? Quando uma pergunta permite (re)construir
Catarina Macedo, Cátia Carvalho, Isabel Reis e Sónia Dias
47 - Habilidades Motoras Finas em crianças com Perturbação do Espectro do Autismo na zona norte de Portugal
Raquel Pinto, Ana Paula Pereira e Tamára Brandão
48 - Habilidades Motoras globais: um estudo comparativo entre crianças com e sem Perturbação do Espectro do Autismo
Tamára Brandão, Ana Paula Pereira e Raquel Pinto
57 - Educação Literária na Educação Pré-escolar e no 1ºciclo
Odete Silva, Cláudia Barroso e Tânia Vieira
58 - Planificar na Educação Pré-escolar e no 1º Ciclo do Ensino Básico: Os Contos da Tradição Oral como instrumento de educação para a cidadania e multiculturalidade
Cláudia Clemente, Juliana Teixeira e Bárbara Ferreira
79- "A Surpresa de Handa": trabalhar a educação literária no 1º Ciclo do EB
Bruno Fernandes e Sara Rodrigues
38 - Bullying e vídeo games: a relação entre os jogos digitais violentos e o comportamento dos jovens.
Lelio M. Lourenço, Thiago V. S. Stroppa, Beatriz Pereira, Larissa Reis Mancini, Gabriele Santos de Amorim e Leonardo Melo Guedes

17:45 Lançamento de Livros

Quinta-Feira, 5 de Julho

9:00 – 9:30 Apresentação de Pósters (Hall Poente (EPsi))

Apresentação e discussão dos posters dos alunos do 1º ano do DEC

9:30 – 10:30 Mesa Redonda 2 (Anfiteatro do Instituto de Educação)

Moderador: Helena Vieira

O papel da pedagogia musical na aprendizagem colaborativa das crianças
Gabriel Rusinek - Faculdade de Educação da Universidade Complutense de Madrid

10:30 – 11:00 Intervalo

11:00 – 13:00 Comunicações Livres

Painel 5 – Saúde Infantil (Anfiteatro do Instituto de Educação)

Moderador: Zélia Anastácio

20 - Preparação dos instrumentos de recolha de dados para a Avaliação de Competências Auditivas e Cognitivo-linguísticas em Crianças de Idade Escolar
Inês Martins, Graça S. Carvalho, Cristiane Lima Nunes e Simone Capellini
40 - As orientações governamentais dos setores da Saúde e da Educação na Promoção e Educação para a Saúde em Meio Escolar: complementares ou opostas?
Leonel Lusquinhos e Graça S. Carvalho
63 - Construção Compartilhada do Conhecimento: Reflexões sobre a potência do diálogo em relações sociais desiguais
Ana Lúcia Tarouquella Schilke, Fátima Júlia Martins Da Silva e Rita Nogueira de Rezende de Carvalho
65 - Quanto pesa a nossa Saúde Infantil? - Estudo em crianças e adolescentes da zona centro
Paulo Fernandes, Inês Silva e Beatriz Pereira
75 - Eu brinquei, vocês brincaram… e eles brincam? O direito de brincar nos nossos dias
Ana Lourenço
76 - Carta da Criança Hospitalizada - A humanização dos cuidados de saúde às crianças
Anabela Reis

Painel 6 – Literatura para a Infância (Sala 9)

Moderador: Eliane Debus

41 - Infância e Literatura: experiência estética e formação de pequenos leitores
Caroline Machado e Sara Reis Da Silva
55 - Histórias de andar à roda: contributos para uma caracterização do livro-carrossel para a infância
Diana Maria Martins e Sara Reis Da Silva

60 - Teoria e prática da ecoliteracia na literatura infantil
Catarina Macedo, Isabel Patrícia Reis e Rui Ramos
29 - Paisagem Açoriana como Contributo as Infâncias: Diálogo com o Escritor Joel Neto
Marcio Da Costa Berbat
61 - Criança bilingue em contexto migratório: o projeto lusófono em Bonn, Alemanha
Helza Ricarte Lanz

13:00 – 14:30 Almoço

14:30 – 16:30 Comunicações Livres

Painel 7 – Educação Física (Anfiteatro do Instituto de Educação)

Moderador: Inês Peixoto Silva

2- Relação entre circunferência da cintura e hipertensão arterial em crianças e adolescentes
Tatiana Affornali Tozo, Cristianne Morgado Montenegro, Beatriz Pereira, Camilo Cunha e Carla Maia Moreira
3 - Associação entre a Aptidão Física e a Hiperlordose Lombar em Crianças e Adolescentes.
Cristianne Morgado Montenegro, Tatiana Affornali Tozo e Beatriz Oliveira Pereira
68 - Como se relacionam as crianças em contexto de jogo? Um estudo realizado em crianças do 1º ciclo
Inês Silva, Beatriz Pereira e Ana Silva
74 - Brincar na infância: conceções e valorização dos pais e educadoras de infância sobre o brincar
Rui Mendes, Inês Dinis, Fernando Martins e António Damásio
6 - A CRIANÇA E O BRINCAR NA "IDADE MÍDIA": RELAÇÕES COM A EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR
Evandro Oliveira e António Camilo Cunha
80 - A dança como recurso facilitador para a(s) aprendizagem(ns) da criança – Vivências de uma estagiária
Carina Souto e Isabel Condessa

Painel 8 – Educação Dramática/ Visual (Sala 9)

Moderador: Sandra Palhares

10 - Era uma vez... Shakespeare! E ele vai nos contar a história de uma Tempestade.
Flávia Janiaski

19 - Teatro para e com bebés: expressão, comunicação e participação dos atores, educadores de infância, bebés e crianças até aos três anos
Carla Ribeiro E Cunha
53 - O Diário Gráfico como auto-regulador da aprendizagem e como fator de desenvolvimento de competências – Representações dos professores de Educação Visual e de Educação Tecnológica sobre o uso do Diário Gráfico em contexto educativo.
Maria Cristina Afonso Magalhães, Sandra Susana Pires Silva Palhares e José Alberto Lourenço G. Martins

16:30 – 16:45 Intervalo

16:45 – 18:45 Comunicações Livres

Painel 9 – Educação Musical (Sala 10)

Moderador: António Pacheco
26 - Estilos e géneros musicais no EAE da Música em Portugal: passado, presente e perspetivas futuras
Sidónio Oliveira, António Pacheco e Maria Helena Vieira
44 - O acesso das crianças em idade escolar à aprendizagem musical: repercussões históricas à luz do ideário da escola pública.
Hugo Brito e Maria Helena Vieira
45 - A função da disciplina de Formação Musical no ensino especializado de música português hoje: o que diz a lei e o que diz a literatura.
Hermano Filipe Carneiro e Maria Helena Leal Vieira
46 - Causas de ansiedade na performance de crianças e jovens alunos de fagote. Alguns resultados de um projeto de investigação ação.
Tiago Rodrigues e Maria Helena Vieira
64 - Educação musical pelo coro infantojuvenil: a experiência do PCIU!
Ana Lucia Gaborim-Moreira
71 - O uso de conjuntos de guitarras (violões) no processo de musicalização escolar: estratégias, possibilidades e limites
Marcelo Fernandes Pereira, Rafael Pedrosa Salgado e Pieter Rahmeier

19:30/20:00 Jantar das Jornadas em Estudos da Criança

Sexta-Feira, 6 de Julho

9:00 – 10:30 Comunicações Livres

Painel 10 – Educação Física (Anfiteatro do Instituto de Educação)

Moderador: Eugénio Rodrigues Fernandez

62 - Diálogos sobre as relações étnico-raciais: interfaces entre Crianças, Educação Física e Diversidade Cultural.
Cristiane Pereira De Souza Francisco e Fernando Donizete Alves
69 - JOGOS E BRINCADEIRAS COMO FOMENTO À PRODUÇÃO CULTURAL DAS CRIANÇAS NA EDUCAÇÃO FÍSICA COM A INFÂNCIA
Bethânia Zandomínegue, Raquel Barbosa e André Mello
8 - O QUÊ FAZEM AS CRIANÇAS FAZEM NO RECREIO? UM ESTUDO DA CULTURA LÚDICA NO ENSINO FUNDAMENTAL
Fernando Donizete Alves, Aline Sommerhalder e Andressa Oliveira Martins
54 - A nova Base Nacional Comum Curricular no Brasil: discussões sobre a implementação na disciplina de Educação Física.
Paulo Oliveira
18 - Educação física infantil: o olhar do professor para a criança como interlocutora da prática pedagógica
Luana Zanotto e Fernando Donizete Alves

10:30 – 11:00 Intervalo

11:00 – 13:00 Comunicações Livres

Painel 11 – Psicologia do Desenvolvimento e Educação/ Metodologia e Supervisão em Educação de Infância (Sala 10)

Moderador: Paula Cristina Martins

7 - ADAPTAÇÃO E VALIDAÇÃO DE UMA ESCALA SOBRE PERCEÇÕES DE CLIMA PARA A CRIATIVIDADE EM CONTEXTO ESCOLAR
Ana Almeida, Fátima Morais e Fernanda Martins
12 - PROPUESTA DE PROGRAMA DE INTERVENCIÓN PARA EL DESARROLLO DE LA COMPETENCIA EMOCIONAL EN EDUCACIÓN INFANTIL
Clara Isabel Fernández Rodicio e Carmen Remedios Jimenez Hierro
39 - Efeitos das práticas de leitura para as crianças no seu desenvolvimento lexical
Bruna Lima, Irene Cadime, Ana Lúcia Santos e Fernanda Leopoldina Viana
43 - OS ESTILOS PARENTAIS E A INFLUÊNCIA NA APRENDIZAGEM DA CRIANÇA
Milena de Holanda Oliveira Bezerra, Zelia Ferreira Caçador Anastacio e Camilla Kenny Nobre Girão
67 - EDUCAÇÃO INFANTIL NA LUSOFONIA: revisitando práticas pedagógicas de arte e cultura
Jeannette Filomeno Pouchain Ramos, Edite Colares Oliveira Marques e Tânia Serra Azul Machado Bezerra
70 - Educação Escolar em Arte: corpo, cultura popular e ludicidade

Edite Colares Oliveira Marques, Tânia Serra Azul Machado e Jeannette Filomeno Pouchain Ramos

Painel 12 – Sociologia da Infância (Anfiteatro do Instituto de Educação)

Moderador: Natália Fernandes

4 - A criança em tribunal: entre os espaços e a participação
Helga Castro
16 - O que é ser bebé da cultura cigana em Portugal
Fernanda Seára Cera
24 - Participação de crianças entre os três e os seis anos na aprendizagem: brincar ao ar livre
Joana Da Silva Pinto
28 - Conexão bebé-mãe: a experiência da prática do Babyoga como um caminho de amor com o Ser-bebé
Graziele Gonçalves Fulber
36 - Comportamento Proativo na Infância e o Lúdico: Ginásios/Academias Kids em Foco
Gisele Maria Schwartz, Danielle Berbel Leme De Almeida, Renata Laudares Silva, Elisangela Gisele Do Carmo, Raiana Mór Lídice Fukushima, Nara Heloisa Rodrigues e José Pedro Scarpel Pacheco
51 - Study case on Filial Piety and the Children´s Right of Participation in contemporary urban China - Analysis on the first stage of data collection.
Jessica Dreyer

13:00 – 14:30 Almoço

14:30 – 16:30 Mesa Redonda 3

Moderador: Beatriz Pereira

Partilha de experiências sobre os desafios da pesquisa em estudos da criança
Doutores em Estudos da Criança - Luís Fanzeres; Sérgio Souza; Maria João Pereira

Encerramento das Jornadas em Estudos da Criança

Meu Clown – Maringá, Brasil

Cena dos leques que faz parte do espetáculo "Orquestra de Bexigas".

João Marchi, Renata Pereira, Marcelo Colavitto, Valéria Pedrassoli e Alexandre Muniz

Nota Introdutória

Esta 3ª edição das Jornadas em Estudos da Criança acolhe cerca de 180 participantes e a apresentação de 76 comunicações, distribuídas por 12 painéis, durante os 3 dias do evento. Esta é também a ocasião para os alunos do 1º ano do Doutoramento em Estudos da Criança, nas suas diversas especialidades, apresentarem os seus projetos de pesquisa, tendo a oportunidade de os debaterem entre pares.
Esperamos, vivamente, que estes 3 dias constituam um espaço profícuo de partilha científica, de debate e de expansão de horizontes no domínio dos Estudos da Criança!

Conferências JEC III

A tessitura brincante dos livros artesanais: da experiência à experimentação
Eliane Debus - Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC, Brasil).

A apresentação procura trazer reflexões sobre a confecção de livros artesanais realizada nos últimos 18 por estudantes de Pedagogia da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC/Brasil) durante a disciplina Literatura e infância. Para além da experiência de trabalhar com a estrutura material que compõe o livro, a composição do texto e ilustração; a/os estudantes experimentam a relação do leitor com o objeto livro por meio de exposições junto a crianças, jovens e adultos em diferentes espaços escolares e não-escolares.

Educação e Cultura Motora na Infância
Rui Mendes – Instituto Politécnico de Coimbra, ESEC; Universidade de Coimbra, CIDAF;
Coordenador do Mestrado em Jogo e Motricidade na Infância, ESEC-IPC

A atividade motora é relevante no desenvolvimento da criança. Potencia a aquisição de padrões motores fundamentais, movimentos e ações intencionais. Se promovida numa abordagem holística, ecológica e interdisciplinar que articule, com criatividade, distintos conhecimentos e conteúdos, produz efeitos relevantes nos domínios motor, social, cognitivo e emocional.
De mudanças sociais, inovações tecnológicas e alterações ambientais e comportamentais, vertiginosas desde os finais do século passado, emergiram novos paradigmas de cultura motora na infância. Padrões mais urbanos, mais estáticos, de comportamento sedentário, de atividade física circunscrita a espaços e tempos mínimos. Padrões de vida condicionados por agendas familiares e organizacionais com reduzida disponibilidade para o jogo e brincar livre, para as atividades na natureza e para o desenvolvimento de competências sociais e emocionais, pela e através da educação motora.

Importa atender a pressupostos e fundamentos essenciais à formação avançada em educação e pedagogia para a motricidade infantil, para potenciar a formação de graduação e licenciatura de pedagogos, educadores e professores em áreas relacionadas com o desenvolvimento da criança e o comportamento motor infantil.
Discutiremos conclusões de algumas pesquisas recentes que nos remetem para refletir e desenhar perspetivas de inovação cultural e promoção da educação motora.

O papel da pedagogia musical na aprendizagem colaborativa das crianças

Gabriel Rusinek - Faculdade de Educação da Universidade Complutense de Madrid

Muitos esforços se realizam para promover o papel da música na escola, discutindo o seu valor enquanto "arte pela arte" ou a sua influência noutras disciplinas, mas pouco se faz para compreender as possibilidades que as interacções intrinsecamente musicais têm para o desenvolvimento pessoal e social dos estudantes e, no caso da formação de professores, para compreender a pedagogia através da música. Nesta apresentação analisar-se-á como exemplo a criação musical colaborativa na escola e na universidade. Veremos, por um lado, o que podem aprender nas aulas as crianças e adolescentes sobre música, sobre o seu próprio potencial criativo e sobre a força da colaboração nas artes de palco e, por outro lado, o que podem aprender os futuros professores sobre como aprendem as crianças e, em geral, como se podem pôr em prática as teorias construtivistas sobre a aprendizagem. A partir da perspectiva da investigação educacional e da produção de conhecimento mostrar-se-ão diferentes estratégias de investigação-acção que têm sido desenvolvidas por professores-investigadores para compreender essas aprendizagens nas suas aulas.

Educação Dramática

10 - **Era uma vez... Shakespeare! E ele vai nos contar a história de uma Tempestade.**

Flávia Janiaski

flajaniaski@hotmail.com

Este trabalho consiste em alguns apontamentos e reflexões a partir da parte prática da pesquisa de doutorado intitulada "Colocando um novo ponto em cada conto: possiblidades de inserção do Jardim de Infância". A pesquisa, em andamento, tem como objetivo central inserir o teatro no Jardim de Infância através da contação de história, usando a peça 'A Tempestade' de William Shakespeare como fio condutor da narrativa e pensando no espaço como uma possibilidade de experiência para as crianças. No Jardim de Infância, primeira etapa da educação, as crianças estão em uma idade marcada por grandes descobertas e constantes mudanças no seu cotidiano. Todo o aprendizado nesta faixa etária está baseado no brincar, no lúdico, duas qualidades presentes no fazer teatral, dessa forma a pesquisa apresenta a ideia de trabalhar a contação de história inserida no universo do teatro e no contexto da contemporaneidade, usando o espaço e a peça 'A Tempestade' de W. Shakespeare como forma de apresentar o teatro a criança pequena. Buscando apontar aspectos da teatralidade e da performatividade que permeiam o fazer de quem conta histórias. A opção metodológica para este estudo é uma pesquisa qualitativa com caráter descritivo, tendo as crianças como sujeitos criadores da pesquisa. A partir do levantamento bibliográfico acredita-se que a pesquisa terá o seguinte aporte teórico: Maurice Merleau-Ponty, Gaston Bachelard, Lev Vygotsky, Manuel Jacinto Sarmento, Peter Slade, Harold Bloom, Vera Lúcia Bertoni dos Santos, Gilka Girandello, Marina Marcondes Machado e Adriana Klisys.

Os apontamentos que serão analisados nesta comunicação dizem respeito especificamente a parte prática do trabalho que o correu entre março de 2017 e março de 2018. Onde foi montado uma contação de histórias com elementos teatrais, que a autora intitulou de Experiência Cênica Narrativa. Esta experiência foi apresentada em cinco escolas para crianças de 3 a 5 anos e tinham como preceito deixar as crianças transformarem o espaço e objetos para suscitar estímulos colocando-as como parte viva da narrativa que estava sendo contada, o que gerou a produção de processos criativos próprios de cada criança em cada turma apresentada.

As contações reforçaram a ideia de que o aprendizado só acontece de verdade quando ocorre alguma transformação do sujeito na sua relação com o mundo e com o outro, e isso acontece quando passamos pela experiência estética, quando experienciamos o sensível, quando a escuta ao outro está presente. Trabalhar com uma peça de Shakespeare possibilitou fugir um pouco do estereótipo das histórias infantis, e trabalhar com temas como o abandono, a vingança, a maldade, a ganância, entre outros, de forma lúdica, mesclando o novo e o tecnológico com o artesanal. As apresentações proporcionaram a oportunidade de sim colocar

um novo ponto na temática da pesquisa – proporcionaram ampliar o olhar, repensar e levantar algumas possibilidades de trabalho teatral com os pequenos -, mas que este novo ponto é apenas isso, um ponto... de forma alguma é ou pretende ser um ponto final.

Palavras-chave: Contação de História; Jardim de Infância; Teatro; Ambientação Cênica; William Shakespeare

19 - Teatro para e com bebés: expressão, comunicação e participação dos atores, educadores de infância, bebés e crianças até aos três anos

Carla Ribeiro E Cunha

carlasrcunha@gmail.com

O objetivo deste trabalho é o de apresentar os resultados parciais da investigação em desenvolvimento, desde novembro de 2017, em colaboração com a Companhia de Teatro do Biombo, educadores de infância, bebés e crianças até aos três anos.
O teatro para e com bebés enfatiza a linguagem não verbal, proximidade e contacto visual entre artistas e bebés, recorrendo a formas, sons, cores, som e movimento. Na última década houve um aumento de práticas teatrais inclusivas, permitindo a públicos anteriormente negligenciados, nomeadamente os bebés, uma participação mais efetiva. Durante as performances, os bebés e crianças pequenas podem manipular objetos, interagir com os artistas, entrar no espaço cénico, cocriar, reinterpretar e jogar. O teatro para e com bebés é um meio de acedermos aos mundos da infância, conhecermos e compreendermos os bebés e as crianças pequenas, escutar a sua 'voz' e proporcionar-lhes oportunidades de participar ativamente na sociedade em que se inserem, reconhecendo-os como competentes, capazes e portadores de direitos.
O estudo em desenvolvimento, através de um processo de investigação-ação, tem por objetivo central o processo de criação de performances teatrais participativas, envolvendo atores, educadores de infância, bebés e crianças até aos três anos.
A primeira fase de investigação consistiu no processo de cocriação do espetáculo "Eu brinco", realizado por atores da Companhia de Teatro do Biombo, educadores de infância, investigadora, educadores de infância, bebés e crianças até aos três, de uma creche situada em Lisboa. A segunda fase da investigação, em concretização atualmente, consiste em analisar as formas de expressão, comunicação e participação dos bebés e crianças até aos três anos e dos educadores de infância que os acompanham durante o espetáculo "Eu brinco", levado a cabo em diferentes creches da região de Lisboa.
Os dados estão a ser recolhidos através de vídeo, notas de campo, grupos de discussão, entrevistas semiestruturadas e observação participante.

Apresentaremos os resultados parciais do estudo realizado até ao momento, esperando permitir aos profissionais de educação de infância e aos profissionais de teatro enriquecerem as suas práticas artístico-pedagógicas e contribuir para o reconhecimento dos bebés e das crianças pequenas, pelas suas múltiplas linguagens, como atores sociais com voz própria e plenos de direitos.

Palavras-chave: Teatro; Expressão; Participação; Bebés; Educação de Infância

Educação Especial

15 - A perspetiva de Equipas Locais de Intervenção acerca do envolvimento dos pais no processo de elegibilidade para a Intervenção Precoce

Rita Laranjeira e Ana Serrano

ritadri@gmail.com

Após a referenciação de uma criança para a Intervenção Precoce (IP), há a necessidade de se definir a sua elegibilidade, de acordo com os critérios definidos pela Comissão de Coordenação do Sistema Nacional de Intervenção Precoce na Infância. Para tal, as Equipas Locais de Intervenção (ELI) devem planificar esse processo que engloba os primeiros contactos e o rastreio ou avaliação. O objetivo é, para além de definir a elegibilidade da criança para a IP, recolher informação sobre o desenvolvimento da criança para posteriormente se estruturar o plano de intervenção adequado à criança e à sua família.

As práticas dos profissionais de IP devem ser centradas na família, isto é, basearem-se nas prioridades da família, dando ênfase aos resultados positivos e às forças tanto da criança como da família (Dunst, Trivette & Deal, 1988). O envolvimento dos pais desde o início do processo de IP revela-se assim essencial e deve ser flexível e colaborativo entre pais e profissionais no momento de tomada de decisões.

Os pais devem então ser vistos como parceiros privilegiados e o seu saber deve ser respeitado e valorizado. O papel da família deve ser ativo, pois é quem melhor conhece a criança e os seus elementos têm um papel preponderante no desenvolvimento desta e podem, ao mesmo tempo, aprender acerca de desenvolvimento.

Desde a publicação do decreto-lei nº 281/2009, que levou à constituição das ELI, verificou-se uma maior uniformização do processo inicial das crianças na IP em termos de metodologia, através de práticas centradas na família em vez de ser um processo centrado exclusivamente na criança, e da adaptação de procedimentos nas diversas etapas de todo o processo.

Foram realizadas entrevistas a três ELI das zonas Norte, Centro e Lisboa e Vale do Tejo com os objetivos de: conhecer a constituição das ELI, conhecer o procedimento das ELI quando recebem uma referenciação e o seu plano de preparação do rastreio/avaliação das ELI com a família e conhecer o envolvimento da família no processo de rastreio/avaliação.

Concluímos que cada equipa gere os seus recursos e organiza o processo inicial de uma criança e sua família na IP de forma semelhante. Mas ao mesmo tempo as ELI apresentam particularidades que se prendem com a sua abrangência geográfica, com a sua constituição, a organização do seu trabalho de equipa e o envolvimento das famílias.

Palavras-chave: Equipa Local de Intervenção; Elegibilidade; Envolvimento da família

31 - RECURSOS ADAPTADOS PARA ALUNOS COM AUTISMO NO PROCESSO ESCOLAR

Natália Weirich e Rita Cóssio

natrw222515@hotmail.com

O presente trabalho foi realizado na Escola Especial Saber Viver APAE, na cidade de Canguçu/RS – Brasil. Trata-se, de uma proposta de intervenção voltada à construção de uma aprendizagem mais significativa para alunos com necessidades educativas especiais, que estejam frequentando regularmente o processo escolar. Visto que o índice de alunos com Transtorno do Espectro Autista no processo de inclusão vem crescendo nas escolas, torna-se relevante a construção/elaboração de atividades que estimulem o desempenho desse aluno. Com isso, objetivou-se com o presente artigo, gerar diferentes recursos adaptados, que contribuam para a melhor aprendizagem desses alunos, visando possibilidades e estratégias que favoreçam estes indivíduos na sua inclusão e autonomia, como também, no seu bem-estar, possibilitando novas aprendizados e vivências. Sendo necessário a realização previa do estudo de caso do sujeito e, planejamento detalhado de intervenção. Desenvolvendo as propostas de intervenção por meio de recursos adaptados, tais como "quantificação com prendedores", "palitoches", "figuras iguais", "quantificação dos números" e "jogo Pare ou Siga", de acordo com o planejado com a turma no qual o aluno com TEA esta inserido, executando-as em momentos diferentes, e analisando/observando o desempenho do grupo de discentes e, em particular, do aluno com TEA, quanto ao desempenho na intervenção, averiguando avanços, reações, para a resolução do presente trabalho. Este estudo se configura como sendo de caráter qualitativo, pois não foi realizada nenhuma coleta de dados por quaisquer instrumentos padronizados, como questionários por exemplo, para obter-se os resultados. Ao invés disso, foi feito um acompanhamento do cotidiano do sujeito com TEA, assim como entrevistas com a família e a professora responsável, buscado proporcionar uma melhor inclusão deste aluno no ambiente escolar. Concluiu-se, ao término da pesquisa, que estas estratégias de ensino contribuíram para o melhor desempenho do sujeito, pois foi observado um resultado positivo em relação ao seu comportamento, reduzindo a agressividade e a agitação do mesmo.

Palavras-chave: Autismo; Transtorno; Recursos Adaptados

37 - Benefícios da Intervenção Precoce: Um estudo de caso com famílias da zona Norte de Portugal

Carina Leite e Ana Paula Pereira

tfcarina@gmail.com

Este estudo de investigação surge no sentido de compreender aspetos específicos, relativamente aos benefícios obtidos pelas famílias pela sua participação na Intervenção Precoce (IP). Assim, o propósito deste estudo de caso é identificar, analisar e compreender os benefícios da IP para as famílias apoiadas numa Equipa Local de Intervenção (ELI) da zona Norte de Portugal.

Com esta investigação, pretendeu-se responder às seguintes questões de investigação: Qual a influência da IP na vida das famílias com crianças com Necessidades Especiais (NE)? Que benefícios advêm do facto de as famílias com crianças com NE participarem na IP?

Trata-se de uma investigação de índole qualitativa, que recorreu a um focus-group constituído por cinco mães apoiadas por uma ELI da região Norte de Portugal.

Globalmente, este estudo permitiu concluir que as famílias consideram obter benefícios pelo facto de serem apoiadas pela ELI, em três grandes domínios: desenvolvimento e promoção de competências na família, desenvolvimento da criança e bem-estar e qualidade de vida. Contudo, as famílias participantes neste estudo referiram igualmente um conjunto de opiniões, dificuldades, preocupações e constrangimentos ocorridos, durante o processo de apoio. Estes incluem a necessidade de uma maior frequência nos apoios, mais apoios diferenciados e especializados, a necessidade de uma maior e mais efetiva colaboração entre os profissionais da ELI e a família, a necessidade e importância da existência de grupos de apoio entre pais.

Palavras-chave: Intervenção Precoce; Benefícios; Famílias; Focus-Group

47 - Habilidades Motoras Finas em crianças com Perturbação do Espectro do Autismo na zona norte de Portugal

Raquel Pinto, Ana Paula Pereira e Tamára Brandão

raquel.sampaiopinto@hotmail.com

O principal objetivo da investigação apresentada foi a avaliação das habilidades motoras finas de crianças com e sem Perturbação do Espetro do Autismo (PEA), entre os 5 e os 6 anos, residentes na zona Norte de Portugal. Para isso, realizou-se um estudo quantitativo-correlacional, com recurso a análise descritiva e inferencial, no qual participaram 50 crianças, 25 com PEA e 25 com Desenvolvimento Típico. Para a recolha de dados, utilizou-se a versão reduzida do teste de proficiência motora de Bruininks-Oserestsky - 2ª edição (BOT-2).

Esta investigação permitiu concluir que existem diferenças no perfil de desenvolvimento das habilidades motoras finas de crianças com e sem PEA, apresentando as crianças com desenvolvimento típico melhores desempenhos, quando comparadas com as crianças com PEA. Verificou-se ainda que, de uma forma geral, o género da criança, a sua idade e o nível profissional e educacional dos pais não influenciam o desenvolvimento das habilidades motoras finas, em ambos os grupos. Especificamente no caso das crianças com PEA, verificou-se que, de uma forma geral, o tipo, a frequência e o número de anos de apoio recebido também não exercem influência no desenvolvimento destas mesmas habilidades.

Palavras-chave: Perturbação do Espectro do Autismo; Habilidades Motoras Finas; Intervenção Precoce; Avaliação

48 - Habilidades Motoras globais: um estudo comparativo entre crianças com e sem Perturbação do Espectro do Autismo

Tamára Brandão, Ana Paula Pereira e Raquel Pinto

tamaracbrandao@hotmail.com

O objetivo desta investigação foi a análise comparativa de Habilidades Motoras Globais em crianças com e sem PEA, entre os 5 e os 6 anos de idade, na zona Norte de Portugal. O instrumento utilizado foi a versão reduzida da Escala de avaliação da proficiência motora de Bruininks-Oserestsky - 2ª edição (BOT-2), com uma amostra de 50 crianças, 25 com PEA e 25 com desenvolvimento típico.

Utilizou-se o método quantitativo-correlacional, com recurso a análise descritiva e inferencial e pela análise dos resultados obtidos, foi possível concluir que existem diferenças no perfil de habilidades motoras globais entre crianças com e sem PEA, sendo que estas últimas apresentam melhores resultados.

Verificou-se ainda que o perfil de habilidades motoras globais das crianças com e sem PEA não é influenciado pelas varáveis género, idade e nível educacional e profissional dos pais. E ainda, quanto às crianças com PEA, as variáveis tipo e a frequência de apoio e número de anos de apoio da criança também não influenciam o perfil de desenvolvimento das habilidades motoras globais.

Esta investigação permitiu concluir que crianças com PEA apresentam alterações no desenvolvimento das habilidades motoras globais, o que pode constituir um sinal de alerta para uma intervenção precoce nesta perturbação.

Palavras-chave: Perturbação do espetro do autismo; Habilidades motoras globais; Intervenção precoce; Avaliação

73 - A participação das famílias no apoio prestado pelas Equipas Locais de Intervenção Precoce: a perspetiva dos familiares.

Marta Joana Pinto e Ana Maria Serrano

martajoanapinto@hotmail.com

Os estudos nacionais e internacionais respeitantes à participação das famílias nos serviços de intervenção precoce conduziram a um projeto de investigação em que se pretende compreender a participação das famílias nos apoios prestados pelas Equipas Locais de Intervenção (ELI), do Sistema Nacional de Intervenção Precoce na Infância (SNIPI). Desta forma, foram entrevistados profissionais de intervenção precoce e familiares de crianças, entre os zero e os seis anos de idade, cumprindo os critérios de elegibilidade para integrarem estas equipas, pretendendo identificar como é que estas famílias participam em todos os momentos da intervenção, de acordo com o que são as práticas recomendadas, bem como identificar os facilitadores à participação ativa das famílias, de forma a ajudar os profissionais a identificar as técnicas e as estratégias que mantêm os pais participantes ativos nos apoios prestados pelas ELI. Para a recolha dos dados foram utilizados uma entrevista e um questionário. O guião de entrevista foi desenvolvido pela autora, de acordo com a recolha bibliográfica previamente efetuada e com a sua prática profissional em intervenção precoce, ao longo dos últimos anos. Paralelamente, foi utilizada a Enabling Practices Scale, para preenchimento pelos familiares aquando o final da sua entrevista. O instrumento selecionado surgiu da recolha e análise bibliográfica acerca dos instrumentos de avaliação disponíveis sobre o tema. A recolha de dados decorreu entre março e dezembro de 2016, tendo sido contactados um total de 18 profissionais e 20 familiares das regiões Norte, Centro, Lisboa e Vale do Tejo, Alentejo e Algarve. Neste artigo, pretendemos apresentar os resultados obtidos com as entrevistas realizadas e com o preenchimento da Enabling Practices Scale, caracterizando a participação das famílias, pelos próprios acerca dos apoios que lhes são prestados pelas ELI.

Palavras-chave: intervenção precoce, família; profissionais; participação ativa

78 - Transição para a Vida Adulta de alunos com Necessidades Educativas Especiais: Percursos de formação no sistema educativo português

Luís Fanzeres, Anabela Cruz-Santos e Sofia Santos

luisfanzeres@gmail.com

O processo de Transição para a Vida Adulta (TVA) de alunos com Necessidades Educativas Especiais (NEE) assume-se de particular pertinência no panorama educativo nacional atual, procurando responder às suas necessidades relativamente à promoção de aprendizagens

vocacionadas para uma vida adulta de qualidade. A facilitação da transição para a vida adulta revela-se um suporte fundamental da educação destes alunos, orientando o desenvolvimento de todo o seu programa educacional.
Esta investigação teve como finalidade compreender as perceções e opiniões expressas pelos participantes e empregadores acerca dos percursos de formação no sistema educativo português, como propostas eficazes para os alunos com NEE, com vista à sua inserção no mercado de trabalho. Este estudo teve como objetivo compreender as perceções dos profissionais, a exercer funções em escolas e instituições, relativamente à importância da TVA no processo formativo dos alunos com NEE. O instrumento de recolha de dados consistiu num questionário construído para o efeito aplicado a 616 profissionais (professores, técnicos, monitores e outros) de todo o país. Esta amostra foi constituída por 467 participantes (81%) do género feminino e 149 (19%) do género masculino, com tempo de serviço entre 16 e 20 anos, com idades compreendidas entre 40 e 49 anos dos quais 88.3% desenvolvem a sua atividade em estabelecimentos de rede pública e 43.3% exercem a função de Professores de Educação Especial. O questionário, distribuída via online, contém 25 questões distribuídas por 5 dimensões: TVA dos alunos com NEE; Adequações no Processo de Aprendizagem; Percursos de Formação Cursos de Educação e Formação (CEF); Percursos de Formação Planos Individuais de Transição (PIT) e TVA em relação ao mercado de trabalho.
Neste estudo, os participantes realçaram a importância do processo de TVA no percurso escolar, destacando, no entanto, a necessidade de uma maior articulação entre a escola e sector empresarial, de mais oferta de recursos especializados, de maior colaboração da família e da comunidade local e de maior participação do aluno e respeito pelas suas escolhas pessoais. Ao nível dos percursos de formação CEF e PIT, e de acordo com todas as variáveis sociodemográficas, os participantes consideram estas ofertas eficazes, mencionando, no entanto, que no âmbito das ofertas formativas e no que respeita à inserção no mercado de trabalho, deveria existir uma maior articulação entre a escola e as entidades empregadoras. As medidas educativas identificadas como as mais adequadas para os jovens com NEE, adotadas pelas escolas e instituições no âmbito do seu processo de TVA, ao abrigo do Decreto-Lei nº 3/2008, são as Adequações Curriculares Individuais e o Currículo Específico Individual. Os percursos formativos CEF e o PIT assumem, de acordo com a investigação, particular importância no processo TVA dos alunos com NEE. O processo de transição destes alunos, de acordo com os resultados obtidos, fornece uma análise clara das possibilidades dos jovens através do respeito pelas suas opções e motivações, pela disponibilização de percursos e ofertas formativas conducentes a um plano de carreira profissional. Finalmente, é proposto um modelo de organização da transição para jovens com NEE, suportado na articulação e complementaridade quer no processo, quer no papel e responsabilidades de todos os intervenientes no processo de TVA a ser implementado a nível nacional.

Palavras-chave: Educação Especial; Transição para a Vida Adulta; Plano Individual de Transição

Educação Física

2- Relação entre circunferência da cintura e hipertensão arterial em crianças e adolescentes

Tatiana Affornali Tozo, Cristianne Morgado Montenegro, Beatriz Oliveira Pereira, António Camilo Cunha e Carla Maia Moreira

tatinali@yahoo.com.br

Introdução: A circunferência da cintura (CC) é um dos indicadores antropométricos utilizados para determinar a adiposidade central na região abdominal e está associada a diversas doenças cardiovasculares, incluindo a hipertensão arterial na infância e adolescência. Objetivo: Avaliar a relação entre a circunferência da cintura (CC) e os valores de hipertensão arterial (HA) em adolescentes. Métodos: Estudo descritivo transversal composto por 113 adolescentes (46 masculino e 67 feminino), com idade média de 14,58 ± 0,86 anos, de escolas particulares da cidade de São José dos Pinhais, Paraná, Brasil. Foi avaliada a circunferência da cintura (CC) cujos pontos de corte foram: valor de CC ≤ p10: baixa CC, valor de CC ≥ p10 e < p75: CC adequada, valor de CC ≥75 e < p90: CC elevada e valor de CC ≥ p90: CC muito elevada. A obesidade central nesse estudo para idade e sexo foi definida como CC > p75 para idade e sexo. Foi definido como hipertenso o adolescente com pressão arterial sistólica (PAS) ou pressão arterial diastólica (PAD) superiores ao percentil 95 por sexo, idade e altura. Utilizaram-se os testes de estatísticos de t-Student e Qui-quadrado de Pearson, e nível de significância de 5%. Resultados: A prevalência geral de HA foi de 45,1% (44,8% em meninas e 45,7% em meninos) e de CC alterada foi de 11,5% sendo a média e desvio padrão para o sexo feminino de (66,31 ± 8,42) e para o sexo masculino (74,59 ± 9,66). A obesidade central foi de 21,7% para os meninos e 4,5% para as meninas. Entre os adolescentes com obesidade central há mais hipertensos (19,6%) do que não hipertensos (4,8%). Conclusão: Os achados do presente estudo indicaram que adolescentes que apresentaram pressão arterial sistólica (PAS) e pressão arterial diastólica (PAD) com valores acima dos valores de referência também apresentaram medidas de circunferência de cintura (CC) elevadas.

Palavras-chave: Adolescente; Criança; Circunferência de cintura; Hipertensão; Riscos cardiovasculares

3- Associação entre a Aptidão Física e a Hiperlordose Lombar em Crianças e Adolescentes.

Cristianne Morgado Montenegro, Tatiana Affornali Tozo e Beatriz Oliveira Pereira

cristianne.morgado@gmail.com

Introdução: A hiperlordose lombar é uma alteração postural, que pode causar grandes e irreversíveis prejuízos à coluna vertebral.Objetivo: O objetivo deste estudo foi analisar a associação entre a hiperlordose lombar, a capacidade cardiorrespiratória e a força/resistência abdominal em crianças e adolescentes. Métodos: O estudo analisou 149 crianças e adolescentes, sendo 84 do sexo feminino e 65 do sexo masculino, entre 10 a 18 anos. A aptidão física foi avaliada através dos testes de aptidão cardiorrespiratória (teste vaivém) e força/resistência muscular (teste abdominais), adotando-se pontos de corte de idade e gêneros sugeridos pela bateria de testes Fitnessgram e o método de fotogrametria DIPA versão 3.1. (Avaliação Postural Baseada em Imagem Digital). Para análise dos dados foi utilizado o programa SPSS 24.0, tendo sido aplicados os testes Qui-Quadrado e Mann Whitney ($\alpha = 0,5$). Resultados: Observou-se que a idade média da idade foi de 13,0 anos (± 1,9). Dos 149 alunos analisados 95% (141) não apresentaram hiperlordose lombar e 5%(8) apresentaram essa característica. Em relação a capacidade cardiorrespiratória, 30%(45) dos alunos foram classificados na zona saudável e 70%(104) na zona não saudável e em relação a força abdominal, 61%(91) dos alunos foram classificados na zona não saudável e 39%(58) na zona saudável. Quando associou-se a hiperlordose lombar com a capacidade cardiorrespiratória, 4%(03) das meninas foram classificadas como não saudáveis e 2% (02) como saudáveis e os meninos 3%(02) não saudáveis e 1%(01) saudável. Quando relacionamos a hiperlordose lombar com a força/resistência abdominal, 5%(04) das meninas foram classificadas como não saudáveis e 1%(01) saudáveis e os meninos 2%(01) não saudáveis e 3%(02) saudáveis. Conclusão: Os achados do presente estudo indicaram que a hiperlordose lombar apresentou baixa ocorrência entre a população estudada, como também foi observado níveis inadequados de aptidão física, referentes à força/resistência abdominal e capacidade cardiorrespiratória.

Palavras-chave: Hiperlordose lombar; Aptidão física; Criança; Adolescentes

6 - A CRIANÇA E O BRINCAR NA “IDADE MÍDIA”: RELAÇÕES COM A EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR

Evandro Oliveira e António Camilo Cunha

evandro_edfisica@hotmail.com

Este trabalho decorre de uma pesquisa de doutorado em Estudos da Criança, em fase de conclusão, situado no campo da Educação Física, Lazer e Recreação, que objetiva compreender

as brincadeiras, expressões e culturas lúdicas que acontecem na escola durante os momentos que as crianças brincam, aprendem, compartilham ideias e estabelecem relações com as professoras, uma delas de Educação Física. O foco é analisar como a cultura midiática, especialmente os heróis que nela se destacam, se faz presente nas brincadeiras e jogos das crianças. O estudo, de natureza qualitativa e inspirado na etnografia, empresta o olhar da fenomenologia para aproximar dos participantes, possibilitando conhecer, analisar e compreender subjetividades infantis, assim como sentidos e significados que as crianças constroem no contexto da Idade Mídia – era de convergência, expansão midiática e tecnológica que atravessa as relações estabelecidas com o outro e com o mundo na cultura do consumo e do capitalismo global. A tese ancora-se nos estudos que abarcam a Sociologia da Infância, por considerar a criança como sujeito crítico, ator social e produtora de cultura, valorizando seus discursos e a polifonia de suas vozes. A turma investigada compreende treze crianças, entre 5 e 6 anos, da rede pública da Educação Infantil do interior de Goiás, além das duas professoras que as mesmas possuem. É possível identificar que o brincar na escola e as atividades desenvolvidas no âmbito da Educação Física possuem elementos da cultura mediática que modificam e transformam o imaginário infantil, assim como o jogo, as expressões motoras e as culturas lúdicas infantis.

Palavras-chave: Crianças; Escola; Cultura lúdica; Medias

54 - A nova Base Nacional Comum Curricular no Brasil: discussões sobre a implementação na disciplina de Educação Física.

Paulo Oliveira

paulofoliveira1982@hotmail.com

APRESENTAÇÃO: A nova Base Nacional Comum Curricular (BNCC) prevê um conjunto de conteúdos curriculares para que os alunos do Ensino Fundamental possam desenvolver as habilidades e competências necessárias para o exercício pleno da cidadania. OBJETIVO: Discutir sobre o conjunto de conteúdos, habilidades e competência desenvolvidas nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental, na disciplina de Educação Física, na cidade de Rio Formoso, Pernambuco, Brasil. METODOLOGIA: O estudo foi realizado em dois momentos. Inicialmente na Secretaria Municipal de Educação de Rio Formoso, com gestores e coordenadores das Unidades de Ensino e posteriormente nas próprias Escolas, a partir das discussões realizadas durante o “dia D” da BNCC, que teve como objetivo avaliar a forma de implementação dos conteúdos da nova Base Curricular brasileira, em todas as disciplinas do currículo, entre elas a Educação Física. RESULTADOS: Os professores, coordenadores e gestoras das Escolas da Rede Pública Municipal de Rio Formoso participaram das discussões sobre o texto da BNCC e depois disso, realizaram a sistematização dos conteúdos apresentados, para que os mesmos sejam incorporados ao

Projeto Político Pedagógico (PPP) de cada uma das Unidades de Ensino. CONCLUSÕES: A implementação da BNCC surge da necessidade da organização de um currículo atualizado, que leva em consideração as necessidades da sociedade. Tendo como ponto de partida o estudo sobre as concepções e metodologias de ensino presentes no texto, foi produzida a sistematização e produção de um documento, que servirá como base para a formação e organização do PPP das Escolas da Rede Municipal, mas especificamente na disciplina de Educação Física.

Palavras-chave: Educação; Educação Física; Currículo.

62 - Diálogos sobre as relações étnico-raciais: interfaces entre Crianças, Educação Física e Diversidade Cultural.

Cristiane Pereira De Souza Francisco e Fernando Donizete Alves

kriskathi21@gmail.com

A Educação Física dentro do ambiente escolar possui um contexto físico diferente da maioria dos componentes curriculares, afinal a maioria das aulas são ministradas em quadras ou espaços amplos, com o papel de promover conhecimentos sobre a cultura corporal. Interpretamos diante disso, que a Educação Física Escolar se faz uma prática social que tem em si a capacidade de ser um contexto para a compreensão da Diversidade Cultural pelas representações das crianças sobre o tema, pois compreendemos que esta aula seja capaz de produzir conhecimentos condizentes e tão importantes para as crianças, quantos aqueles a que está exposta em uma sociedade repleta de diversidades. É neste cenário que realizamos a presente pesquisa com o objetivo de compreender a Diversidade Cultural que rodeia o universo das crianças do primeiro ano do ensino fundamental durante as práticas e diálogos sobre a Educação Física Escolar. Participaram da pesquisa 16 crianças entre cinco anos e meio e sete anos de idade, regularmente matriculadas em uma escola pública na cidade de Araraquara interior do estado de São Paulo-BR. Utilizamos a abordagem qualitativa com o apoio na observação participante e rodas de conversa para construir informações a respeito da temática. Essas informações foram registradas em diário de campo, filmagens e analisadas pela ótica da hermenêutica- dialética. Deste modo, conseguimos compreender que a Diversidade Cultural que rodeia o universo das crianças transparece através das relações étnico-raciais que são estabelecidas a partir dos marcadores sociais da diferença como a cor da pele, no momento de descrição das crianças por elas mesmas ou pelos pesquisadores, assim como nos sentidos atribuídos pelas crianças para a própria palavra diversidade. Além disso, o ambiente lúdico da Educação Física Escolar através do ato do brincar proporcionaram situações nas quais emergiram diálogos sobre relações étnico-raciais, cuja questão da identificação adquiriu

relevância pautada em um conhecimento advindo das experiências e da perspectiva das crianças. Compreendemos que as relações étnico-raciais não são apenas uma discussão sobre a cor da pele, enxergamos nela o começo para que as crianças consigam construir uma identidade cultural que fortalece em si própria, o que vem a ser a cultura negra; assim como o que são as diversas culturas que perpassam pelo contexto escolar.

Palavras-chave: Crianças; Educação Física Escolar; Diversidade Cultural; Relações Étnico-raciais

68 - Como se relacionam as crianças em contexto de jogo? Um estudo realizado em crianças do 1º ciclo

Inês Silva, Beatriz Pereira e Ana Silva

inexota@hotmail.com

O jogo é um comportamento característico de qualquer criança (Wallon, 1998), constituindo se como promotor do seu desenvolvimento motor, cognitivo, social e emocional (Mihaela, 2013). Do mesmo modo, as relações interpessoais em crianças são essenciais ao seu desenvolvimento social e emocional, estas interagem entre si em brincadeiras e jogos, aprendendo a negociar, cooperar, trabalhar em equipa para atingirem um objetivo (Mendes, 2012).
Objetivo: Identificar a característica "Relações interpessoais" em contexto de jogo em crianças do 1º ciclo.
Metodologia: Participou uma turma de 1º ano (18 alunos, 9 do género feminino e 9 do masculino) e uma turma de 3º ano (19 alunos, 9 do género feminino e 10 do masculino), com idades entre os 6 e 9 anos (7,2±1,1). Foi utilizado um guião de observação construído para o efeito onde se definiram 3 subcategorias para a característica "relações interpessoais": 1) É capaz de trabalhar em equipa; 2) É sociável, relaciona-se facilmente com o próximo; 3) Tem em consideração as ideias e objetivos dos elementos do grupo. O jogo consistiu na divisão das crianças em duas equipas onde, cada uma percorreu um de três percursos existentes. Cada percurso foi pontuado de acordo com o grau de dificuldade (1 e 2 pontos, 2 e 3 pontos e 3 e 4 pontos). Cada equipa dispôs de 3 minutos partindo apenas um elemento de cada vez. Venceu a equipa que no final de 3 rondas obteve maior pontuação. O jogo foi filmado e posteriormente registadas todas as situações em que se verificaram ou não relações interpessoais.
Resultados: Na subcategoria 1 verificou-se que a maioria dos alunos, independentemente do ano e género, apresentaram positivamente este comportamento (1º ano-72,2%, 3º ano-88,2% e género masculino-78,9% e género feminino-81,3%). Na subcategoria 2, também apresentaram de forma positiva este comportamento 77,8% do 1º e 64,7% do 3º ano, bem como no género (57,9% dos meninos e 87,5% das meninas). Na subcategoria 3, 61,1% dos

alunos do 1º e 88,2% do 3º ano manifestaram este comportamento, tal como ocorreu quanto ao género (78,9% dos meninos e 68,8% das meninas).
Não se verificaram diferenças estatisticamente significativas ($p<0,05$) como tal este comportamento foi verificado independentemente do ano de escolaridade e género.
Conclusões: As crianças, na sua maioria, demonstraram relacionar-se com os pares no decorrer do jogo. Assim, entendemos que o jogo pode promover na criança esta competência essencial ao seu desenvolvimento emocional e social.

Palavras-Chave: Jogo; Relações Interpessoais; Criança

18 - Educação física infantil: o olhar do professor para a criança como interlocutora da prática pedagógica

Luana Zanotto e Fernando Donizete Alves

luanazanotto@yahoo.com.br

Os estudos realizados sobre Educação Física Infantil (EFI) vêm ganhando força e destaque nos últimos anos no cenário brasileiro, tanto pelas constantes mudanças legislativas quanto pela produção acadêmica que tem apontado para as conquistas, desafios e limites que permitem pensar a Educação Física na infância. De todo modo, ainda há um distanciamento entre o conhecimento produzido e a prática pedagógica do professor no que tange, entre outros aspectos, ao desencadeamento de uma prática educativa que seja coerente às linguagens da criança e ao reconhecimento de sua condição de sujeito no processo de ensino e de aprendizagem. Nesse sentido, o objetivo desse estudo foi analisar a compreensão de professores de educação física sobre a criança e o lugar que elas ocupam nas aulas de EFI. O estudo foi realizado no contexto de uma atividade extensão universitária voltada a formação continuada de professores de Educação Física. Tratou-se de um estudo qualitativo, pautado nos aspectos da pesquisa intervenção, que contou com a participação de todos os professores de Educação Física (um total de 14 participantes) das Escolas Municipais de Educação Infantil e Ensino Fundamental de um município do interior de São Paulo-Brasil, todos com pelo menos 2 anos de experiência docente com crianças entre 3 a 10 anos de idade. A atividade formativa ocorreu ao longo do segundo semestre de 2017 e foi organizada em quatro módulos. Contudo, para esse trabalho detemo-nos à análise dos dados oriundos dos dois primeiros módulos: I) Crianças e infâncias: compreensão da criança real e cultura da infância; II) Cultura Corporal de Movimento e a relação com a EFI, que possibilitou o afunilamento dos seguintes eixos: (a) formação para atuar na infância e b) criança-colaboradora das atividades. Os instrumentos utilizados para a coleta dos dados foram os registros em diário de campo e as atividades produzidas pelos professores em cada encontro. Todo material foi agrupado e analisado à luz

da análise temática interpretativa. Os principais resultados indicaram a necessidade de problematizar o real papel da criança-sujeito e do professor na EFI, pois os professores apresentaram algumas incompreensões acerca da natureza da infância e das particularidades das crianças, o que reflete diretamente na incerteza das práticas pedagógicas desencadeadas. Em contrapartida, identificou-se que os professores perceberam a criança como detentora de saberes, ao enfatizarem o quanto a sua colaboração nas atividades e fruição das mesmas é fundamental para a aprendizagem de competências. Como conclusão, menciona-se que a relevância da atividade de extensão esteve em iniciar um profícuo processo reflexivo junto ao professorado de Educação Física do município, despertando a atenção desses para assumir a criança como centro do trabalho pedagógico na EFI.

Palavras-chave: Educação Física Infantil; Criança; Formação Continuada de Professores

69 - JOGOS E BRINCADEIRAS COMO FOMENTO À PRODUÇÃO CULTURAL DAS CRIANÇAS NA EDUCAÇÃO FÍSICA COM A INFÂNCIA

Bethânia Zandomínegue, Raquel Barbosa e André Mello

kekelfla@yahoo.com.br

Este trabalho tem como objeto de estudo as produções culturais das crianças de dois Centros Municipais de Educação Infantil, de Vitória/ES – Brasil, decorrentes dos usos e apropriações (CERTEAU, 1994) dos jogos e brincadeiras populares. A análise ocorreu a partir de mediações pedagógicas com a Educação Física e em momentos de livre interação das crianças, como horários de entrada, saída e de pátio. Tem como objetivo geral compreender as produções culturais das crianças no trabalho pedagógico na Educação Infantil; e, de forma específica, analisar se os jogos e as brincadeiras mediados nas práticas da Educação Física potencializam as produções de culturas de pares e o reconhecimento das crianças como sujeitos de direitos, produtoras de cultura e protagonistas nos processos de ensino. Para tanto, adota a Etnografia com crianças (CORSARO, 2009; BUSS-SIMÃO, 2014) como pressuposto teórico-metodológico. A pesquisa sistematiza dados de duas teses de doutorado em Educação Física, produzidos em diferentes contextos, no período de 12 meses, do ano de 2015. Na ocasião, foram acompanhadas de forma sistemática, a intervenção da Educação Física com três grupos de crianças, de quatro a seis anos, e alguns momentos de livre interação no cotidiano educacional, totalizando 75 sujeitos. Os dados foram produzidos por meio de observação participante, sistematizada em notas de campo; narrativas captadas na interação com os participantes (enunciação); vídeos; fotografias e; desenhos das crianças. Para a inserção no contexto, adotamos a entrada “reativa” (CORSARO, 2009), que nos possibilitou uma aproximação das

crianças a partir da reação delas à nossa presença. No processo de análise, os dados foram articulados, considerando o contexto de produção. A experiência de compartilhar a Educação Infantil revelou os seguintes resultados: O protagonismo das crianças nos usos e apropriações dos jogos e brincadeiras, reverberado na dinâmica curricular da Educação Física e no cotidiano educacional; Ações táticas das crianças para fazer valer seus interesses e proposições; O consumo produtivo dos jogos e brincadeiras, na articulação com diferentes linguagens, potencializando as produções culturais das crianças.

Palavras-chave: Jogos e Brincadeiras; Consumo produtivo; Educação Física; Educação Infantil; Etnografia com criança

74 - Brincar na infância: conceções e valorização dos pais e educadoras de infância sobre o brincar

Rui Mendes, Inês Dinis, Fernando Martins e António Damásio

rmendes@esec.pt

Brincar é uma atividade importante para o desenvolvimento global da criança cuja valorização social importa promover, em particular junto dos pais e educadoras. O estudo visou compreender o nível de valorização atribuído ao ato de brincar pelos adultos. Assim, analisaram-se as conceções que os encarregados de educação (EE) e as educadoras de infâncias (EI) têm sobre o brincar, qual a importância que lhe atribuem e quais as oportunidades que crianças, dos 2 aos 6 anos, têm para o fazer diariamente. Foram desenvolvidos dois inquéritos por questionário, preenchidos voluntariamente por 470 EE e por 28 EI, em creches e jardins-de-infância do concelho de Coimbra. Concluímos que os EE e as EI têm conceções similares do brincar e valorizam o brincar da criança dos 2 aos 6 anos. Ambos oferecem momentos à criança para brincar durante o dia, assim como dedicam algum tempo do seu dia a fazê-lo com a mesma. Concluímos também que as atividades preferidas pelas crianças, de acordo com as áreas de interesse definidas, são as do exterior (e.g., andar de bicicleta, etc), as da casa (faz de conta) e dos blocos.

Palavras-Chave: Brincar; Jogo; Motricidade na Infância; Desenvolvimento Infantil; Pais; Educadoras de Infância

80 - A dança como recurso facilitador para a(s) aprendizagem(ns) da criança – Vivências de uma estagiária

Carina Souto e Isabel Condessa

carina.souto26@hotmail.com

Este trabalho partiu do pressuposto que ao envolver uma criança em atividades lúdico-dinâmicas, criadas para motivar e desenvolver o seu interesse, esta adquire uma força interior que lhe permitirá ganhar novas capacidade e ter mais facilidade na aquisição de conhecimentos (práticos ou teóricos). Neste sentido, e no nosso estágio profissional para a docência, realizámos este estudo com o objetivo principal de compreender como o ensino da dança pode ser criativo, funcional e facilitador de aprendizagens da população infanto-juvenil.

A nossa amostra, de conveniência, foi constituída pela Estagiária/ Investigadora e os seus dois grupos de estágio: Educação Pré-escolar (EPE) e 1.ºCiclo (1.ºC); por uma turma do 1.ºC de uma escola particular e o seu Prof.º Educação Física (EF); por uma equipa de jogadores de andebol de baixa idade e o seu treinador. Contámos assim com 4 profissionais e 62 crianças/ jovens, de ambos os sexos.

Para compreender como o ensino com recurso à dança pode conduzir a aprendizagens favoráveis, durante o período de estágio utilizámos várias intervenções pedagógicas em contexto de escola e clube, dividindo-se a nossa análise a 3 níveis:

i. - na EF, onde no movimento dançado com a música, a criança realiza o aperfeiçoamento de ações corporais a diferentes ritmos;

ii. em outras áreas de saber – como na matemática, português e estudo do meio, e/ou ainda, em áreas transversais da formação pessoal, social e patrimonial;

iii. numa modalidade desportiva – aprendendo a técnica do movimento e a sua funcionalidade, em áreas como os jogos desportivos coletivos – andebol.

Neste ensaio, essencialmente qualitativo recorremos a vários instrumentos de pesquisa: à observação direta/ participante, ao diário de bordo da estagiária/ investigadora e aos seus encontros supervisivos e reflexivos com o professor/treinador envolvidos. Os resultados comprovam que a realização de várias intervenções na EPE e no 1.ºC foi muito enriquecedora para a formação da estagiária, que testemunhou os benefícios trazidos por esta experiência criativa e positiva junto deste grupo de alunos, que tiveram maior adesão nas aprendizagens – quer na EF, quer em outras áreas disciplinares especificas e transversais Já o resultado da ação levada a cabo ao nível do andebol, através do ensino pela dança, ajudou: a adquirir e/ou consolidar aprendizagens iniciais em diversas habilidades, na aquisição e aplicação das regras da modalidade e, ainda, na competição/ cooperação entre rapazes e raparigas. Contudo, percecionámos que foi mais fácil ensinar e envolver as crianças/ jovens andebolistas em contexto de escola.

Palavras-Chave: Educação Física; Dança; Aprendizagem(ns)

Educação Musical

26 - Estilos e géneros musicais no EAE da Música em Portugal: passado, presente e perspetivas futuras

Sidonio Oliveira, António Pacheco e Maria Helena Vieira

sidoniomcoliveira@gmail.com

O Ensino da Música no Ensino Artístico Especializado (EAE) em Portugal (Conservatórios Públicos), levanta muitas questões, questões essas que vão ao encontro das suas origens, mas que também nos fazem pensar sobre o futuro deste tipo de ensino. Será um preceito os conservatórios públicos centrar, de forma conservadora no Ensino Artístico Especializado de Música, as aprendizagens musicais no ensino clássico da cultura musical ocidental? Haverá uma segmentarização dos géneros musicais no ensino vocacional: o sobre apreço da música erudita (ou conhecida também como música clássica), e a subestimação da música popular (terno amplo que engloba todos os outros estilos e géneros musicais)? Que legislação e reformas estruturais do ensino da música em Portugal promoveram uma remodelação dos processos e ramos educacionais, os diferentes cursos e regimes de frequência dos alunos e o seu público alvo? Quais os fundamentos orientadores da organização e da gestão dos currículos do ensino básico? Qual é a autonomia pedagógica e organizativa das escolas públicas do EAE de música, face a necessidade de desenvolver competências musicais e sociais nos alunos, sendo mais abrangente nos estilos e géneros musicais que lecionam para que a música seja um ponto de interesse e motivação para os alunos, num reforço do ensino para todos e de uma escola inclusiva? Atualmente, há inúmeras teorias sobre o ensino e a aprendizagem da música; há nomes incontornáveis da pedagogia musical que hoje dão uma nova dimensão à educação musical; há escolas por todo o mundo que vão adaptando os seus currículos e programas às necessidades do século XXI. Este artigo pretende contribuir para o conhecimento da realidade musical do país, nomeadamente no que concerne a tipologias musicais praticadas pelas escolas públicas de música, e, consequentemente, possibilitar a adopção de estratégias e medidas político-culturais que consolidem os projetos educativos das escolas intervenientes, reforçando a sua autonomia pedagógica e as insira, efetivamente, nas suas comunidades locais/regionais, mas também na educação global de todos os indivíduos.

Palavras-chave: Ensino Público; Ensino Vocacional da Música; Ensino Artístico Especializado; Educação Musical

44 - O acesso das crianças em idade escolar à aprendizagem musical: repercussões históricas à luz do ideário da escola pública.

Hugo Brito e Maria Helena Vieira

britoviolino@gmail.com

Apesar das diferentes interpretações históricas sobre o papel do Iluminismo em Portugal, o seu legado educativo foi perene. A fundação de uma rede escolar pública, de controlo estatal e não confessional é, ainda hoje, património civilizacional que se nos apresenta como pilar fundamental do nosso contrato social. Todavia, o terreiro ideológico contemporâneo que chamamos de escola pública representa um conjunto muito vasto de desafios plasmados na diversidade e especificidade das ofertas formativas nela contempladas. O Ensino Artístico Especializado da Música é, dentro deste vasto conjunto de possibilidades educativas, um dos desafios de enquadramento nos valores fundamentais da escola pública.

Este artigo pretende dar um contributo para a compreensão do papel do Ensino Artístico Especializado da Música na Escola Pública em Portugal, tendo em conta a sua herança histórica e a influência musical e cultural do século XIX, bem como o processo da sua implantação e expansão no território nacional.

É apreciado, à luz da literatura, o comportamento deste subsistema de ensino nas diferentes configurações históricas do Governo Português – monarquia e república (esta nas suas diversas fases, como o período do estado novo, de suspensão dos ideais republicanos, e o período de democracia) - assim como na sua relação com os conceitos chave da educação pública tendo em vista o direito consagrado na Constituição da República Portuguesa – a democratização e o acesso universal à educação.

Apresenta-se, como síntese, um balanço do movimento global deste subsistema de ensino no sentido da inclusão ou da exclusão de alunos ao longo dos tempos.

Palavras-chave: Escola Pública; Aprendizagem Musical; Ensino Artístico Especializado; Universalidade

45 - A função da disciplina de Formação Musical no ensino especializado de música português hoje: o que diz a lei e o que diz a literatura.

Hermano Filipe Carneiro e Maria Helena Leal Vieira

h.filipe.c@gmail.com

Neste artigo apresenta-se uma síntese dos enunciados legislativos e da literatura da especialidade no que respeita à definição actual da função da disciplina de Formação Musical

no contexto do ensino especializado da música português. Nesse sentido, o artigo estrutura-se a partir de uma grelha de análise centrada nas categorias “finalidade da disciplina”, “objectivos gerais”, “objectivos específicos”, “estratégias pedagógicas e didácticas” e “propostas de melhoria” que confronta a visão do currículo legislado com a percepção do currículo praticado por parte dos agentes de ensino e investigadores. Na conclusão apresenta-se um contributo para a reflexão sobre a identidade da disciplina numa perspectiva comparativa com o papel que ela desempenhou no ensino especializado noutros momentos do passado, e numa perspectiva prospectiva em função das sugestões identificadas na literatura.

Palavras-chave: Ensino especializado de música; Disciplina de Formação Musical; Identidade Curricular; Metas curriculares; Objectivos pedagógicos

46 - Causas de ansiedade na performance de crianças e jovens alunos de fagote. Alguns resultados de um projeto de investigação ação.

Tiago Rodrigues e Maria Helena Vieira

tiago_ms_rodrigues@hotmail.com

O conceito de ansiedade pode ser analisado sob diferentes perspetivas. Trata-se de um conceito multidisciplinar que envolve diferentes áreas do saber do foro psicológico, físico, cognitivo, social, entre outros. A ansiedade pode afetar o indivíduo, mesmo que ele não se aperceba dessa situação. No contexto do ensino especializado de música um diagnóstico minucioso das causas da ansiedade específicas de cada aluno mostra-se uma ferramenta indispensável para ajudar a otimizar o estudo e a preparar uma performance. Os alunos de fagote deparam-se desde muito cedo com a situação de performance e a pressão da prática instrumental no quotidiano. Preparar os alunos para a performance requer uma análise do contexto de vida dos mesmos, sendo que é importante ter uma perspetiva hierarquizada das situações e fatores que afetam o aluno. Mostra-se necessário conhecer as origens da ansiedade e de que modo o contexto familiar, o contexto escolar e a ação do professor influenciam o estado de ansiedade dos alunos. Nesse sentido, este artigo apresenta uma síntese das causas de ansiedade identificadas em alunos de fagote no âmbito de um projeto de Investigação-Ação realizado no contexto do estágio do Mestrado em Ensino de Música da Universidade do Minho numa escola pública de ensino especializado. Acredita-se que é possível, à luz da literatura, desenvolver estratégias de identificação das causas de ansiedade dos alunos de instrumento, de forma a melhor poder desenvolver, também, estratégias de ensino adequadas e diferenciadas.

Palavras-chave: Causas de ansiedade; performance; auto-eficácia; ensino de instrumento; fagote

64 - Educação musical pelo coro infantojuvenil: a experiência do PCIU!

Ana Lucia Gaborim-Moreira

anaemarcelo440@gmail.com

O PCIU! - Projeto Coral Infantojuvenil da UFMS (Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Brasil) – é uma ação que articula ensino, pesquisa e extensão. O projeto se iniciou em julho de 2013, como parte de uma pesquisa de doutorado sobre a regência coral infantojuvenil, com cerca de 20 crianças na faixa etária dos 06 aos 12 anos. Atualmente, o PCIU! atende a cerca de 150 crianças a partir de 05 anos e também a seus pais, divididos em 5 grupos -cada qual com um trabalho específico para sua faixa etária e nível de desenvolvimento. E esse é o principal desafio do projeto: desenvolver uma metodologia adequada para a educação musical por meio do canto coral, levando em conta as características de cada grupo, suas necessidades de desenvolvimento e ao mesmo tempo, mantendo a unidade do projeto. Os ensaios são realizados semanalmente e contam com uma série de atividades lúdicas integradas, onde são trabalhados: exercícios rítmicos, solfejo, técnica vocal e estudo de repertório. Tem-se como diretrizes desse trabalho, a busca pelo refinamento artístico do coro, ao mesmo tempo em que as crianças se desenvolvem em termos cognitivos, psicomotores e sócio-afetivos. Como principais referenciais teóricos desta ação, temos obras de regentes brasileiros e estrangeiros (BARTLE, 2003; LAKSCHEVITZ, 2006; CHEVITARESE, 2007; GOETZE, BROEKER E BOSHKOFF, 2011), bem como educadores musicais e pesquisadores da voz infantil (DALCROZE, 1931; KODÁLY, 1964; WELCH, 1994; WILLIAMS, 2013). Fazem parte da equipe deste projeto os professores e acadêmicos do curso de Licenciatura em Música da UFMS, que atuam em uma constante pesquisa-ação, caracterizada por observações sistemáticas do trabalho (relatórios), análise das ações realizadas (questionários estruturados), reflexão/discussão sobre as mesmas em equipe e sua constante avaliação. Esta comunicação apresenta, de modo sucinto, a proposta do projeto – educação musical por meio do canto coral – e o modo como se desenvolvem suas ações pedagógico- musicais, considerando que toda criança pode aprender a cantar e tem potencial para se desenvolver musicalmente.

Palavras-chave: Coro infantojuvenil; Regência coral; Educação musical

71 - O uso de conjuntos de guitarras (violões) no processo de musicalização escolar: estratégias, possibilidades e limites

Marcelo Fernandes Pereira, Rafael Pedrosa Salgado e Pieter Rahmeier

anaemarcelo440@hotmail.com

O ambiente escolar é o principal foco da área de educação musical no Brasil, pois ele permite que um grande número de crianças tome contacto com práticas musicais, tornando a educação musical mais democrática e inclusiva. Nesse processo, um dos principais desafios é termos práticas musicais que sejam viáveis (ou pouco exigentes) em termos de investimento financeiro e, ao mesmo tempo, que sejam atrativas aos alunos, permitindo-lhes gozo estético e desenvolvimento de suas capacidades cognitivo-musicais, mas que também coloque esses mesmos alunos em contacto com o universo musical além do ambiente midiático que lhes cerca. Esse processo musicalizador deve dotar o aluno de autonomia (FREIRE, 1996), mas também, permitir-lhe o prazer da autodisciplina empreendida na consecução de um objetivo. Dentro desse contexto, este artigo discute as possibilidades e limites do uso da guitarra (violão) como instrumento musicalizador, ensinado coletivamente no ambiente escolar, para crianças entre 10 e 14 anos, assim como as estratégias e metodologias mais adequadas para tal uso. Por tratar-se de um instrumento harmônico, de dimensões medianas e afinação temperada já estabelecida pelos seus trastes (HENRIQUE, 1994), a guitarra permite que em poucos meses de estudo, o aluno possa executar melodias e acompanhamentos com afinação aceitável. Esse gozo estético se estende aos repertórios: ao aprender a ler melodias e a realizar acompanhamentos harmônicos, o aluno está cognitivamente apto aos diferentes repertórios que preferir, devendo, nesse caso, procurar ensino especializado. O mais importante é que o próprio conjunto escolar de guitarras, quando orientado por profissional competente, permita a prática de obras clássicas populares em nível artístico, o que enseja ao aluno experiências estéticas e vivência em palcos, que lhe seria mais custosa em outros processos de musicalização. Por fim, o instrumento próprio para iniciantes tem um custo relativamente baixo – o que favorece sua aquisição por parte das escolas e alunos - e não possui potência sonora comparável aos instrumentos de sopros – o que permite sua prática em uma sala de aula, sem que haja prejuízos paras salas vizinhas, ou exigências de isolamento acústico. Dessa forma, este artigo pretende apontar quais são as condições metodológicas para que o ensino coletivo da guitarra alcance os objetivos aqui colocados. Como referencial teórico, nos apoiaremos principalmente nos trabalhos de Biget (1998), Swanwick (2002, 2003), Cruvinel (2005) e McPherson (2006), que discutem elementos de aprendizagem musical e ensino coletivo de instrumento.

Palavras-chave: Ensino coletivo de instrumentos; violão; educação musical

Educação Visual

53 - O Diário Gráfico como auto-regulador da aprendizagem e como fator de desenvolvimento de competências – Representações dos professores de Educação Visual e de Educação Tecnológica sobre o uso do Diário Gráfico em contexto educativo.

Maria Cristina Afonso Magalhães, Sandra Susana Pires Silva Palhares e José Alberto Lourenço Gonçalves Martins

mcrisamag@gmail.com

O presente artigo foca-se numa reflexão sobre as representações dos professores acerca do uso do Diário Gráfico (DG) em contexto educativo e no papel do DG como fator auto-regulador da aprendizagem e do desenvolvimento de competências.
Muito embora o uso do DG na aula de Educação Visual (EV) e de Educação Tecnológica (ET) não seja consensual entre os professores, pois as mudanças educativas são exigentes por que obrigam a adaptações e a reformulações do que antes não havia sido pensado ou feito, verificou-se uma vontade de mudança dos mesmos face ao processo de formação-investigação-ação em que se envolveram com os alunos.
Em termos metodológicos, a análise e a discussão dos resultados assenta numa abordagem qualitativa de natureza interpretativa, a qual envolveu a análise prévia ao conteúdo de seis entrevistas iniciais e de seis entrevistas finais, realizadas aos professores. Os quadros de categorias, subcategorias, descritores e unidades de registo emergentes seguem o modelo de análise de Bardin (2009) e de Amado (2014).
Da análise de conteúdo das entrevistas evidencia-se que o uso do DG se projetou como fator de auto-regulação das aprendizagens e de desenvolvimento de competências criativas, expressivas e emocionais das crianças. A prática gráfica que os alunos desenvolveram em sala de aula, estendeu-se, no decurso da investigação, a outros contextos formais e não formais, permitindo aos professores refletir sobre a importância do DG como um 'espaço de liberdade', centrado no sujeito e capaz de fazer prolongar, fora da aula, os seus momentos de trabalho, de aprendizagem e de auto-expressão.

Palavras-chave: Diário Gráfico; Educação Visual; Educação Tecnológica; Auto-regulação da Aprendizagem; Competências

Literatura para a Infância

25 - Narrativas ilustradas, literatura infantil e valores morais.

Luzia Eneas e Fernando Azevedo

luziaenease@hotmail.com

Infância, narrativas ilustradas, valores, literacia cultural e prazer pela leitura são indissociáveis. A criança vive de histórias com imagens e estas têm implícitos os valores que passam de geração em geração e que fazem parte da cultura em que vivem. Num tempo em que os valores e a moral estão em crise, o espaço-tempo da narrativa ilustrada aparece como oportunidade de promover a educação moral (valores morais) e a educação literária, sendo um aliado crucial da educação geral das crianças. Neste trabalho, defendemos que a educação moral da infância deve ser de cariz cognitivo-desenvolvimentista, instruída pelo picturebook. Nesse sentido, é importante para os educadores de infância conhecer o processo da construção dos valores morais, clarificado pelos estudos das várias áreas do conhecimento, alienando-se do senso-comum. Tentámos, neste trabalho, conhecer as práticas pedagógicas dos educadores para averiguar qual a importância atribuída ao picturebook no desenvolvimento de valores morais e consequentemente quais os valores veículados. Tendo como aporte teóricos Azevedo (2013; 2009); Noldemam (1998); Nikolajeva (2000); Osoro 2000), dentre outros. Este estudo inscreve-se no paradigma da investigação qualitativa, utilizando como estratégia de pesquisa um estudo de caso e como instrumentos, para a recolha dos dados, a entrevista semi-estruturada e a observação participante. As informações recolhidas foram sujeitas a uma análise de conteúdo, visando contribuir para ajudar os educadores a serem profissionais reflexivos e motivados pela investigação serem proativos e participantes na educação moral das crianças, utilizando o motor potente do picturebook, norteados pelo desejo de uma verdadeira educação para a cidadania.

Palavras-chave: Literatura infantil; Picturebooks; Valores morais

32 - BRANCA DE NEVE NO FILME ESPELHO, ESPELHO MEU

Hilma Silva, Verônica Pontes e Fernando Azevedo

hilmaliana@hotmail.com

Branca de Neve é um conto de fadas criado pelos Irmãos Grimm. Originou-se de narrativas populares e é contada por vários povos. Cada um mostra uma versão, ligando sempre a algum elemento presente na sua cultura. Recentemente, a obra literária foi levada às telas do cinema

através do filme “Espelho, espelho meu”, do diretor Tarsem Singh. O filme faz uma releitura da obra literária, trazendo para o espectador alguns elementos novos. Tanto na obra fílmica quanto na literária, há elementos simbólicos que levam à reflexão sobre a convivência entre pessoas da família, como no caso da madrasta, e a descoberta de um novo mundo, com o amadurecimento de Branca de Neve. Este trabalho tem o objetivo de apresentar a discussão em torno da desconstrução clássica da imagem de Branca de Neve no filme, a qual era vista sempre como um ser frágil, passando a assumir uma nova postura de comportamento com a releitura cinematográfica. Para alicerçar este estudo, foram utilizados os aportes teóricos de Coelho (2000), Cardoso (2011), Bettelheim (2007), Cunha (2009), Brait (1995), dentre outros, apresentando uma ligação entre cinema, literatura e ensino.

Palavras-chave: Literatura; Cinema; Releitura

34 - Educação literária para bebês: do berço aos livros infantis

Renata Junqueira Souza e Angela Balca

recellij@gmail.com

Compartilhar estratégias para educação literária com bebês e crianças de até 5 anos de idade levando em consideração as quatro dimensões dos atos embrionários de leitura: espaço-temporal, modal, relacional, objetal é o objetivo dessa comunicação. Estabelecendo uma interação entre os professores da Educação Infantil e o reconhecimento do acervo de livros infantis e do espaço de leitura organizado enquanto Bebeteca.

Palavras-chave: Educação literária; Literatura infantil; Criança

41 - Infância e Literatura: experiência estética e formação de pequenos leitores

Caroline Machado e Sara Reis Da Silva

carolmachadom@yahoo.com.br

Contemporaneamente, não obstante significativos progressos em relação aos estudos da infância e sua educação, parece persistir uma desconfiança na capacidade infantil, refletida nas produções literárias para os pequenos pautadas na simplificação, reducionismo e empobrecimento. Tomando a literatura como importante mediador entre a criança e a cultura, destacamos, como objetivo central deste trabalho aprofundar o conhecimento sobre a relação entre infância e experiência estética, considerando principalmente a literatura na formação de

bebês e crianças pequenas (0 a 3 anos), de forma a buscar a geração de bases teórico-metodológicas para o trabalho pedagógico com essa faixa-etária. Neste sentido, os resultados da pesquisa pós-doutoral em desenvolvimento podem beneficiar o trabalho de ensino, refletindo diretamente na educação dos pequenos leitores, mas também na formação dos professores que com eles atuam. Partimos da reflexão filosófica sobre o conceito de infância em dois autores fundamentais: Walter Benjamin e Hannah Arendt. Em Arendt, trata-se de aprofundar a relação entre educação e política. Em Benjamin, de investigar a relação entre infância e experiência, com destaque para a relação que as crianças estabelecem com os livros. O diálogo com parte relevante da obra destes dois filósofos modernos aponta para a responsabilidade ética e política dos professores para com a educação da infância e destaca o livro como importante mediador no processo de inserção da criança na cultura: porque permite, pelo exercício e desenvolvimento da capacidade imaginativa, não somente a apresentação do mundo, mas porque contém, pelas inúmeras formas de contar, recontar, criar, vivenciar papéis e histórias, na atuação reiterada sobre esse mundo, a possibilidade de renová-lo.

Palavras-chave: Infância; Literatura; Mediação de leitura literária; Capacidade imaginativa

42 - As ovelhas são brancas ou pretas? Quando uma pergunta permite (re)construir

Catarina Macedo, Cátia Carvalho, Isabel Reis e Sónia Dias

catarina.m.macedo@hotmail.com

Nesta intervenção pretende-se apresentar uma proposta pedagógica para o primeiro ciclo do ensino básico, através de atividades diversificadas, tendo como objeto de estudo a discriminação. Partir-se-á do álbum intitulado A ovelhinha preta, da autoria de Elizabeth Shaw, ainda que se faça uma interrelação com outros livros e filmes de modo a potencializar a intertextualidade e a educação literária, no presente e no passado. Trata-se de um projeto que relaciona tipologias distintas de literacia como forma de representação e interpretação do mundo, dentro e fora do contexto escolar. Define-se como cerne da investigação concluir se a sensibilização ativa dos alunos, utilizando uma rede de recursos significativos e contextualizados, contribui para que sejam leitores, escritores, mas fundamentalmente cidadãos conscientes capazes de assumir um papel pró-ativo na análise dos códigos visuais e/ou textuais, adotando um pensamento e posicionamento a nível social competente, crítico e transformador.
Neste sentido, o quadro teórico no qual se inscreve fundamenta-se em Yopp, R.H. & Yopp, H. K. (2001). Literature- Based Reading Activities. New York: Allyn and Bacon.

Palavras-chave: Discriminação; Literacia; Educação literária; Intertextualidade; Cidadão

50 - Brincar com palavras mal rompe a manhã: a poesia de José Paulo Paes e o processo de alfabetização.

Joana D'Arc Herkenhoff, Elizabeth Lyrio Lozer e Renata Junqueira de Souza

joanadbh@terra.com.br

Estudos relacionados ao processo de aquisição da leitura e da linguagem escrita nos falantes do português têm indicado que o desenvolvimento da consciência fonológica constitui um ponto fulcral no processo de alfabetização (Barrera & Maluf, 2003; Capovilla, Gutschow, Capovilla, 2004) e que atrasos nesse processo podem estar relacionados a lacunas no desenvolvimento dos diferentes níveis da habilidade de consciência fonológica (Cunha & Capellini, 2011). Com isso, objetivamos, por meio da análise de poemas de José Paulo Paes, propor uma reflexão sobre a contribuição da poesia infantil no processo de alfabetização das crianças ouvintes, por considerarmos que um trabalho consciente com essa dimensão da poesia pode fortalecer a ação docente na alfabetização. Em vez do trabalho com "pseudopoemas" (Bordini, 1991), o contato da criança com a primorosa ludicidade metafonológica da poesia desse autor revela-se um manancial para explorar as habilidades da consciência fonológica, especialmente a consciência fonêmica, promovendo a imersão da criança no mundo da linguagem pela via da arte literária que é o seu "brincar com as palavras".

Palavras-chave: Poesia infantil; José Paulo Paes; Alfabetização; Consciência Fonológica; Metalinguagem.

52 - Educar para o Desenvolvimento da Cidadania: Ideias práticas com o auxílio do livro O Elmer

Ana Cláudia Carvalho, Ana Margarida Jesus, Ana Rita Hardman, Andreia Liliana Torres, Cátia Alexandra Oliveira, Raquel Maria Silva e Fernando Azevedo

ana_claudia1996@hotmail.com

Este trabalho tem como objetivo central a construção de uma proposta de atividades que promovam a Educação para o Desenvolvimento, para a educação pré-escolar e primeiro ciclo, tendo por base o uso da narrativa "O ELMER", de David Mckee (2017).
Num primeiro ponto é de realçar a utilização da literatura por educadores/professores na abordagem de certas temáticas, concluindo a importância que as narrativas têm para o começo de várias temáticas e áreas de conteúdo que poderão ser trabalhadas em sala de jardim de infância ou em contexto de sala de aula. A Educação para o Desenvolvimento é, também, uma área que pode ser trabalhada a partir de uma obra literária.

A Educação para o Desenvolvimento é um tema atual na sociedade do século XXI salientando, muitas vezes a questão da educação para os valores para que possamos formar cidadãos que, numa sociedade multicultural, possam trabalhar em cooperação, atendam a questões de justiça social, e que, acima de tudo, aceitem a diferença.
Neste caso em particular, "O Elmer" de David Mckee é uma proposta literária que nos permite construir atividades no âmbito de questões da Educação para o Desenvolvimento, numa perspetiva de "aceitar a diferença" numa sociedade caracterizada, cada vez mais, pela sua multiculturalidade, sendo que, por vezes, surgem determinados conflitos que levam tanto educadores/professores e alunos a refletir sobres estas mesmas problemáticas.
Através da análise detalhada da obra foi, então, possível desenvolver atividades em torno do pré-escolar e do primeiro ciclo que, para além de desenvolver questões relacionadas com a educação literária e o desenvolvimento da oralidade e da escrita, estão enquadradas na educação para o desenvolvimento podendo também interligar com outras áreas de saber.

Palavras-chave: Educação para o Desenvolvimento; Educação Literária; Literatura para crianças e jovens

55 - Histórias de andar à roda: contributos para uma caracterização do livro-carrossel para a infância

Diana Maria Martins e Sara Reis Da Silva

dianamaria20008@gmail.com

O breve estudo que apresentaremos pretende avançar com uma proposta de definição dos livros-carrossel, inscritos no universo da literatura de potencial recepção infantil. Por via da mobilização de conceitos e de matérias do domínio dos Estudos Literários, da História, da Análise e Hermenêutica Textual, elencar-se-ão as estratégias (verbais e ilustrativas) e/ou mecanismos retórico-estilísticos mais relevantes desta tipologia, demarcando-o, assim, de outras categorias também compreendidas no âmbito do livro-objecto, ou de um modo mais particular, do livro-brinquedo. Perante a ainda actual escassez destes objectos no mercado editorial português, fixou-se um restrito conjunto textual exemplificativo composto por três obras de autoria distinta, já traduzidas em Portugal. Serão estas três obras alvo de interpretação e análise textuais, com vista à dilucidação de algumas das suas singularidades.

Palavras-chave: literatura para a infância; livro-brinquedo; livro-carrossel; literacia

57 - Educação Literária na Educação Pré-escolar e no 1ºciclo

Odete Silva, Cláudia Barroso e Tânia Vieira

odete.sps@hotmail.com

Nesta intervenção partimos da obra "Orelhas de Borboleta" de Luísa Aguilar e ilustrações de André Neves, do ano de 2011. Apresentamos uma proposta relevante para trabalhar a educação literária na educação pré-escolar e ensino do 1ºciclo do ensino básico. Esta proposta fundamenta-se no referencial teórico de Yopp e Yopp (2006) e Azevedo e Balça (2017).

Palavras-chave: Educação Literária; Educação Pré-escolar; Orelhas de Borboleta

58 - Planificar na Educação Pré-escolar e no 1º Ciclo do Ensino Básico: Os Contos da Tradição Oral como instrumento de educação para a cidadania e multiculturalidade.

Cláudia Clemente, Juliana Teixeira e Bárbara Ferreira

claudia.andreia96@gmail.com

Num mundo cada vez mais global e globalizante, é importante educar para a cidadania e desenvolvimento de modo precoce e intencional. Partindo do conto da tradição oral “O menino da Lua”, de Alice Vieira, cuja história nos remete para a problemática da pobreza e dos maus tratos infantis, bem como para o multiculturalismo, apresentamos um conjunto de propostas de atividade para a educação pré-escolar e para o 1º Ciclo do Ensino Básico. Estas pretendem, numa primeira fase, desafiar as crianças a conhecerem o livro, promovendo a curiosidade por novas leituras. Levam, ainda, a que compreendam melhor alguns aspetos importantes do mundo em que vivem desenvolvendo, simultaneamente, competências comunicativas e linguísticas. Esta abordagem, que pretende ser implementada de acordo com práticas integradoras que abranjam as diferentes áreas do saber, constitui uma forma de estimular a aprendizagem ativa, envolvendo as crianças numa atmosfera de descoberta e partilha. O intuito desta comunicação é relatar a nossa experiência, enquanto mestrandas do curso de Educação Pré-escolar e 1º CEB, na construção de propostas educativas que contribuam para a formação de cidadãos mais conscientes e de futuros leitores mais competentes.

Palavras-chave: Educação, Planificar; Multiculturalidade; Pré-Escolar, 1º Ciclo

60 - Teoria e prática da ecoliteracia na literatura infantil

Catarina Macedo, Isabel Patrícia Reis e Rui Ramos

catarina.m.macedo@hotmail.com

A relação do ser humano com o ecossistema global tem sido objeto de discussão enquadrada por diversos campos teóricos, filosóficos, religiosos ou pragmáticos. No que respeita ao estudo da língua e dos produtos linguísticos que abordam esta temática, sobressai a que se centra na promoção da ecoliteracia, (Orr, 1992), nomeadamente em obras literárias para leitores infantis. Pode até afirmar-se que a revisitação da natureza é um topos da literatura para crianças e jovens. Em obras das últimas décadas, contudo, a natureza deixou de ser o lugar encantatório ou o cenário onde personagens humanas ou humanizadas evoluem, para constituir um tópico de reflexão e um quadro de interações entre seres vivos, espaços, elementos naturais e condições existenciais.

O presente estudo realiza uma análise integrada das componentes verbal e icónica do álbum Arrumado, de Emily Gravett (Livros Horizonte, 2017), considerando o seu potencial para promover a ecoliteracia dos jovens leitores que constituem o seu destinatário preferencial; reflete ainda sobre as questões de mediação que podem estar envolvidas na sua utilização pedagógica. Recorre, em simultâneo, a um enquadramento conceptual e aos instrumentos disponibilizados pela moderna teoria literária, assim como aos que oferece a Análise do Discurso, na sua configuração recente.

Identificam-se nesta obra estratégias discursivas que potencializam o ensino do pensamento ecológico (metacognitivo) e a sua operacionalização no nosso ecossistema. Apontam-se, contudo, os riscos de desvirtuação da ecoliteracia envolvidos em algumas das opções de narrativização e, portanto, do papel do mediador no questionamento e na criação de leitores esclarecidos e críticos.

Palavras-chave: ecoliteracia; livro-álbum; análise textual/pictórica; mediação

72 - Contos tradicionais: Uma leitura do livro Fadas no Divã nas aulas de Literatura e Infância

Lilane Maria de Moura Chagas

lilanemoura@gmail.com

Trata-se da análise do livro escrito por dois psicanalistas, Diana e Mario Corso (2006) que elencaram um conjunto de contos tradicionais e teceram suas análises mescladas com suas próprias experiencias profissionais e de pais narradores. Assim, também pretende-se verificar

o uso dessas narrativas na disciplina intitulada Literatura e Ensino do Curso de Pedagogia da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC- Brasil) identificando as pistas indicadas pelos autores para contar essas histórias para as crianças. Por meio da leitura do livro busca-se revelar mais uma chave de compreensão para as histórias que atravessam o tempo e os espaços e permanecem vivas como parte do capital cultural universal. Uma das questões centrais que perpassa o livro é por que as histórias, especificamente, os contos de fadas migraram do folclore para a infância e qual o seu papel no psiquismo infantil? Que aspectos do ser humano são revelados em cada história narrada? Como os autores compuseram suas analises mediante a leitura dos contos e quais critérios estabeleceram para mergulhar no movimento das narrativas? E para dar conta do objetivo de verificar a relação da leitura dos livros e o seu uso nas aulas da disciplina, indaga-se qual a relação dialogal estabelecida entre a leitura das narrativas realizadas pelos estudantes contidas no livro? Quais os sentidos e significados atribuídos pelos estudantes com a leitura do livro? Partindo de tais questões, objetiva-se oferecer ao leitor de contos de fadas enriquecer os aspectos de seu universo literário com novas possibilidades de leitura, bem como pesquisar temáticas das histórias infanto-juvenis aprofundando os conceitos e as conexões revelados pelos autores do livro. É uma pesquisa qualitativa, com os contributos da análise documental e dos registros realizados nas aulas. Para a análise pretende-se ter por base o aporte teórico do próprio livro, estabelecendo também diálogo com a Teoria Histórico Cultural, sobretudo, as contribuições de Vygotsky sobre a criança e seu desenvolvimento.

Palavras-chave: Contos tradicionais; Literatura; Infância; leitura

79 - "A Surpresa de Handa": trabalhar a educação literária no 1º Ciclo do EB

Bruno Fernandes e Sara Rodrigues

bruno.fernandes@live.com.pt

Nesta intervenção, partimos da obra "A Surpresa de Handa" de Eillen Brown (s.d.) e apresentaremos uma proposta relevante para trabalhar a educação literária no 1º ciclo do ensino básico.
A proposta é fundamentada no referencial teórico de Yopp & Yopp (2006) e Azevedo e Balça (2017).

Palavras-chave: Educação Literária; Leitura; Crianças; Álbum Narrativo

Metodologia e Supervisão em Educação de Infância

67 - EDUCAÇÃO INFANTIL NA LUSOFONIA: revisitando práticas pedagógicas de arte e cultura

Jeannette Filomeno Pouchain Ramos, Edite Colares Oliveira Marques e Tânia Serra Azul Machado Bezerra

ramosjeannette@unilab.edu.br

A prática pedagógica na área de educação infantil, artes e cultura na UNILAB e UECE, onde brancos, indígenas e afro-descendentes partilham e entremeiam a vida, os saberes, as culturas e se apropriam de formação docente e da lida com as crianças, tem despontado a necessidade de pensar as práticas de(s)coloniais que possibilitem a convivência intercultural. Para tanto, sistematizamos como em diferentes lugares e culturas as práticas artísticas escolares têm promovido o diálogo intercultural de crianças afrodescendentes na lusofonia, cito Porto - PT, Fortaleza/Redenção –BR e Mindelo-CV. Ciente de que há contribuições significativas nos estudos da infância, quer sobre o seu conceito (KOHAN, 2003), quer no âmbito da saúde, assistência, educação e direito, seja na perspectiva da sociologia da infância, dos estudos culturais, dos estudos com crianças e seus modos de subjetivação, entre outros, esta investigação em desenvolvimento privilegia uma perspectiva inter-epistêmica (GROSSFOGUEL, 2007) e interdisciplinar (JAPIASSU, 1976; MACAMO, 2012), analisa pressupostos teóricos e práticos, a partir da observação, relatos de docentes e discentes, registro iconográfico e diário de campo, onde frequentam os filhos da África (GUSMÃO, 2006) e do Brasil. Dentre as análises, percebemos o brincar como vivência cultural universal que fomenta na infância a imaginação e a fantasia. Para ilustrar, a boneca (DORNELLES, 2015) é um elemento comum em diferentes culturas e, muito embora sejam construídas a partir de diferentes materiais, cores, adornos e formas, como palha de milho, talhadas em madeira, frutos, bagaços, tecidos etc., são elementos de identidade singular que representam o cotidiano comunitário e de diálogo intercultural. A Kalunga no Maracatu, as Abayomis que transitam entre África e Brasil e as bruxas de pano do nordeste brasileiro são exemplos de vivências destas manifestações nas formações docentes e práticas escolares.

Palavras – chave: educação infantil; práticas pedagógicas; arte; interculturalidade

70 - Educação Escolar em Arte: corpo, cultura popular e ludicidade

Edite Colares Oliveira Marques, Tânia Serra Azul Machado e Jeannette Filomeno Pouchain Ramos

edite.marques@uece.br

O ensino de arte é indispensável ao conjunto das atividades curriculares, especialmente, quando se trata de manifestações da arte e cultura comunitária. No entanto, na atual conjuntura, é mais acessível à criança o conteúdo midiático, do que as manifestações artísticas de sua cidade. No cenário do nordeste brasileiro, percebemos o quanto a escola está afastada das manifestações culturais da cidade (COLARES, 2017), pois o patrimônio cultural, material e imaterial está longe de ser abordado. Aludimos ao elemento da cultura, na educação em arte, da criança na fase inicial de sua escolarização, marcadamente, por apontarmos uma posição em favor da cultura do riso, da convivialidade prazerosa, do corpo em movimento e da dinamicidade, da alegria do saber popular e da cultura. Ao buscar no cotidiano e neste, na cultura lúdica e popular, a unidade corpo e comunidade, a introdução e percepção da criança no mundo da arte, mediante os símbolos culturais e artísticos da cultura, remanescentes da tradição oral, perpassa a família, a comunidade e o ensino de artes na escola. Destacamos, então, a importância da iniciação da criança nas artes seguindo num fluxo continuum, partindo das vivências familiares como as cantigas de ninar, as histórias, as festividades, dentre outros, que se constituem em currículo escolar no ensino, especialmente quando trata das expressões e manifestações regionais, componente curricular obrigatório da educação básica (BRASIL/LDB, 1996, Artigo 26º. § 2o) e culminando, por exemplo, com as danças tradicionais, numa trajetória de descoberta do corpo, dos movimentos, das relações e inter-secções eu e o outro, que perpassa a identidade para chegar aos folguedos populares. Para tanto, revisitamos a literatura acerca do corpo e do ensino de artes, buscando tecer princípios pedagógicos que fundamentam nossa prática e a formação docente. Em seguida, culminamos socializando pedagogias e práticas no ensino de artes na UECE e UNILAB. Tal abordagem encontra lugar na formação docente de professores da Educação Infantil e Ensino Fundamental através das componentes curriculares de Introdução à Arte Educação e Corpo, Dança Afro e Educação, onde são ministrados conteúdos que integram vivências corporais e lúdicas nas quais os futuros professores desenvolvem repertório cultural e estético, que articulam os saberes populares e acadêmicos.

Palavras-chave: educação; formação docente; arte; corpo

Psicologia do Desenvolvimento e Educação

7 - ADAPTAÇÃO E VALIDAÇÃO DE UMA ESCALA SOBRE PERCEÇÕES DE CLIMA PARA A CRIATIVIDADE EM CONTEXTO ESCOLAR

Ana Almeida, Fátima Morais e Fernanda Martins

almeida.anateresa@gmail.com

A crescente globalização da sociedade conduz à necessidade de intensificar a promoção da criatividade na escola, na sala de aula e particularmente nos alunos (Mullet et al., 2016; Abdulla & Cramond, 2017; Hwang, 2017). Assim, é essencial auscultar as perceções dos docentes sobre os obstáculos e condições facilitadoras à criatividade no contexto escolar. O objetivo deste estudo foi adaptar e validar a Escala Indicadores para Criar no Ambiente de Trabalho (Bruno Faria & Veiga, 2015), originária do Brasil e aplicável em contexto escolar, a docentes portugueses. A amostra consistiu em 313 docentes dos 1º e 2º ciclos do Ensino Básico, tendo sido obtida uma Escala com 60 itens, organizados em 5 fatores, correspondendo três a elementos facilitadores de criatividade (Facilitação a novas ideias pela escola, colegas e tarefas; facilitação de novas ideias pela Hierarquia da escola; Bons recursos físicos) e dois a obstáculos à mesma (Dificuldades com a Hierarquia da escola; Excesso de serviço e escassez de tempo). A Escala apresenta boas qualidades psicométricas, nomeadamente bons resultados de consistência interna e de explicação da variância dos resultados. Caracteriza-se o instrumento de avaliação adaptado, fazendo-se uma reflexão sobre as vantagens do seu uso para a formação de diferentes agentes na instituição escolar, com o intuito de prevenir obstáculos e promover ambientes criativos.

Palavras – chave: Clima criativo; Escola; Docentes; Perceções; Escala de Avaliação

12 - PROPUESTA DE PROGRAMA DE INTERVENCIÓN PARA EL DESARROLLO DE LA COMPETENCIA EMOCIONAL EN EDUCACIÓN INFANTIL

Clara Isabel Fernández Rodicio e Carmen Remedios Jimenez Hierro

cirodicio@uvigo.es

La finalidad de la Educación Infantil es “contribuir al desarrollo físico, afectivo, social e intelectual de los niños y las niñas” en búsqueda de un desarrollo holístico de la persona tal y como se expone en el Real Decreto 1630/2006, por el que se establecen las enseñanzas mínimas del segundo ciclo de Educación Infantil. Este trabajo está orientado a desarrollar competencias relacionadas con el área afectivo-social, centrándonos en la Educación Emocional. Partiendo de

la concepción de Inteligencia emocional que proponen Mayer y Salovey y, posteriormente Goleman, nos pasamos a posicionar en una visión múltiple de la inteligencia, siguiendo a Gardner, y entendiendo la necesidad de desarrollo de la competencia emocional desde los niveles más tempranos. Bisquerra y Pérez (2007) proponen un modelo pentagonal de competencias emocionales cuya adquisición será necesaria para aumentar el nivel de Inteligencia Emocional, dado que esta puede aprenderse y desarrollarse a partir de aquellas. Atendiendo a todos estos aspectos, se pasa a diseñar una intervención, orientada desde el modelo de programas, que pretende aproximar el mundo emocional al ámbito educativo, favoreciendo el desarrollo de la inteligencia emocional entre el alumnado del segundo ciclo de Educación Infantil, más concretamente en un aula de 4 años. Para llevarla a cabo de forma correcta y eficaz, se proponen una serie de instrumentos específicos que miden diversos aspectos de esta inteligencia en los participantes.

Palavras-chave: emoción, inteligencias múltiples, inteligencia emocional, educación emocional, competencia emocional, Educación Infantil.

39 - Efeitos das práticas de leitura para as crianças no seu desenvolvimento lexical

Bruna Lima, Irene Cadime, Ana Lúcia Santos e Fernanda Leopoldina Viana

brunalimatf@gmail.com

Objetivo: Os resultados da investigação têm demonstrado a existência de uma relação estreita entre as práticas de leitura para as crianças em meio familiar e as competências linguísticas das crianças. Todavia, os estudos neste domínio com crianças com menos de três anos de idade são ainda escassos, sobretudo no contexto português. O objetivo deste estudo foi explorar as relações entre algumas práticas relacionadas com a leitura de histórias para as crianças e o seu vocabulário, medido através do número de palavras produzidas, utilizando uma amostra de crianças com idades inferiores a dois anos e meio.
Metodologia: participaram neste estudo 44 crianças falantes de Português Europeu (idade média=22,45; DP=3,76) que frequentavam creches da zona do grande Porto (Portugal). Destas, 24 eram meninas e 20 eram meninos. Para a recolha de dados foram utilizados dois instrumentos: o Questionário sobre Práticas e Hábitos de Literacia e o Inventário de Desenvolvimento Comunicativo de MacArhur-Bates: Palavras e Frases (versão em Português Europeu). Em termos de análises estatísticas, realizaram-se análises de co-variância (ANCOVA), usando a idade da criança como co-variável, a fim de verificar a existência de diferenças no vocabulário em função de diferentes práticas.
Resultados: Verificou-se um efeito significativo da idade das crianças no número de palavras que estas produzem. Os resultados indicaram que não se verificaram diferenças no vocabulário

das crianças em função do tempo de leitura semanal e a frequência da mesma, o interesse demonstrado durante os momentos de leitura, do número de livros existentes em casa e da frequência de utilização de tablet/computador.
Conclusões: Contrariamente aos resultados verificados noutros estudos, os resultados desta investigação não indicaram efeitos das práticas de literacia familiar no desenvolvimento lexical das crianças. Os resultados são discutidos tendo em conta as especificidades da amostra e da faixa etária em estudo.

Palavras-chave: literacia familiar; vocabulário; frequência de leitura; número de livros

43 - OS ESTILOS PARENTAIS E A INFLUÊNCIA NA APRENDIZAGEM DA CRIANÇA

Milena de Holanda Oliveira Bezerra, Zelia Ferreira Caçador Anastacio e Camilla Kenny Nobre Girão

milenaholiveira@unicatolicaquixada.edu.br

As relações parentais têm sido um tema bastante discutido nos dias atuais, haja vista que a participação da família é de grande importância para o desenvolvimento da criança. Logo, os pais enquanto responsáveis pela criança se tornam os principais encarregados da socialização das mesmas em nível emocional, comportamental e de desenvolvimento cognitivo. Porém, não podemos dizer que os filhos sofrem influência, de forma decisiva, pelo modo de ser e agir dos pais, pois outros fatores como hereditariedade, a especificidade de cada filho, a idade, quantidade de irmãos como também outros fatores que ocorrem dentro da família e extrafamiliar (BRÁS, 2008). Muitos autores como Baumrind (1966), Maccoby e Martim (1983) têm realizado alguns estudos para tentar entender melhor o impacto que a relação parental traz para o desenvolvimento da criança, não somente em nossa sociedade, mas, em todo o mundo. Assim, o presente trabalho tem como principal objetivo investigar essa influência com base na Teoria de Baumrind, que tem sido um marco nos estudos sobre a importância que a relação parental exerce na vida e na aprendizagem da criança, assim como identificar nas relações familiares, os fatores que mais influenciam negativamente no processo de aprendizagem da criança, levantar o perfil biopsicossocial das famílias investigadas e Investigar de acordo com a tipologia de Baurind a relação entre os estilos parentais e o desenvolvimento escolar. De acordo com Brás (2008), Baumrind classificou três modelos de pais: os autoritários, os autoritativos e os permissivos, sendo que o mesmo considera o autoritativo como sendo o mais efetivo, pois esse estilo de pais geram filhos mais comportados e bem ajustados psicologicamente, assim como, crianças competentes em suas atividades e que confiam em si mesmas. Nessa perspectiva, apesar de ser um tema bastante discutido e importante pouco se sabe sobre essa influência, ocasionando, portanto, o interesse sobre essa temática. Portanto,

essa pesquisa será de bastante relevância e tem o intuito de comprovar que as relações parentais dependendo da qualidade podem influenciar negativamente no processo de aprendizagem das crianças.

Palavras-chave: Aprendizagem; Crianças; Estilos Parentais

Saúde Infantil

20 - Preparação dos instrumentos de recolha de dados para a Avaliação de Competências Auditivas e Cognitivo-linguísticas em Crianças de Idade Escolar

Inês Martins, Graça S. Carvalho, Cristiane Lima Nunes e Simone Capellini

ines.mpsm@gmail.com

A audição desempenha um papel importante no desenvolvimento cognitivo-linguístico, e é através desta que as informações acústicas são percecionadas, permitindo desenvolver a comunicação. Com a entrada para o 1º ciclo, os sistemas auditivo e cognitivo-linguístico da criança vão exercer um papel fundamental na aprendizagem da leitura e escrita, pelo que, a avaliação destes sistemas, assim como da sua relação, possibilitará a identificação de possíveis dificuldades de aprendizagem. Para se realizar a avaliação auditiva e cognitivo-linguística são necessários instrumentos específicos e adequados em português europeu. Os instrumentos a utilizar no estudo são os seguintes: Protocolo de Rastreio do Processamento Auditivo (PRPA), Protocolo de Análise Informal de Competências Auditivas (PAICA), Auditory Processing Domais Questionnaire (APDQ) e o Protocolo de Avaliação das Habilidades Cognitivo-Linguísticas (PAHCL). Os primeiros (PRPA e PAICA) já se encontram em português europeu, prontos a serem utilizados. No presente estudo o APDQ foi traduzido do original em inglês e o PAHCL foi adaptado do original em português do Brasil. As etapas seguidas para a tradução do APDQ para o português europeu basearam-se no último documento elaborado pela International Test Comission, que inclui, entre outros, as seguintes etapas: autorização do autor, tradução dupla e cega para português, retro-tradução para a língua original e, finalmente, ajustes. Na adaptação do PAHC, para além da adaptação dos aspetos linguísticos do texto, com adaptação direta, foi necessário recorrer a trocas lexicais em algumas provas específicas, uma vez que algumas das palavras utilizadas não existem em português europeu, ou são pouco conhecidas pelas crianças. Desta forma essas palavras foram substituídas por outras mantendo, sempre que possível, todas as características fonéticas e silábicas (número e constituição silábica). Com a finalização dos instrumentos de recolha de dados, estes serão aplicados a uma amostra de 150 crianças, 30 por ano escolar (1º ao 5º ano). Espera-se que os resultados desta avaliação contribuam para a realização de diagnósticos mais precisos e para uma delineação de estratégias de intervenção individualizadas, junto dos profissionais adequados com vista à redução do impacto do insucesso escolar.

Palavras-chave: Adaptação/Tradução; Instrumentos de recolha de dados; Avaliação; Competências Auditivas; Competências Cognitivo-linguísticas

40 - As orientações governamentais dos setores da Saúde e da Educação na Promoção e Educação para a Saúde em Meio Escolar: complementares ou opostas?

Leonel Lusquinhos e Graça S. Carvalho

leoneluskinhos@gmail.com

Todas as escolas públicas portuguesas são consideradas Escolas Promotoras de Saúde, o que pressupõe terem um plano estruturado e sistematizado elaborado em parceria pelos setores da saúde e da educação.

Neste estudo, de natureza qualitativa e descritivo, pretendeu-se identificar e comparar as orientações emanadas pelos setores da saúde e da educação, com o objetivo de compreender a articulação entre ambos e verificar se se coadunam com as linhas orientadoras internacionais para a promoção e educação para a saúde em meio escolar.

Assim, foram selecionados 29 documentos de diversas tipologias ("Diário da República", "Documento de trabalho", "Relatório" e "Outros documentos") obtidos a partir dos portais da saúde e da educação tendo sido sujeitos à análise de conteúdo, utilizando o software NVivo®11 Pro. Numa primeira fase, procedeu-se à análise de frequência de palavras ("wordstorm"), e depois à análise codificada para cinco categorias: "medidas adotadas", "objetivos", "metodologias/estratégias", "áreas/temas de intervenção" e "avaliação".

O "wordstorm" confirmou que os 29 documentos selecionados incidem em aspetos relacionados com saúde e educação em meio escolar. O setor da saúde utiliza com maior frequência o conceito de "promoção da saúde" enquanto o da educação privilegia o conceito de "educação para a saúde". A análise por categoria mostra que ambos os setores: (i) se preocupam com as "medidas a adotar" para proporcionar condições de organização e de cooperação, (ii) têm os "objetivos" claramente delineados e coincidentes, (iii) consideram relevante as "metodologias/estratégias" ativas, em particular a metodologia por projeto, (iv) apresentam "áreas/temas de intervenção" idênticas e (v) consideram a "avaliação" essencialmente quantitativa, sendo o setor da saúde focado nos processos e nos resultados e o da educação no diagnóstico, monitorização e avaliação.

Os documentos de referência dos setores da saúde e da educação mostraram ser convergentes e complementares, havendo articulação entre ambos para uma eficiente promoção e educação para saúde em meio escolar, dando assim cumprimento ao preconizado internacionalmente.

Palavras-chave: Saúde; Educação; Promoção da Saúde; Educação para a saúde; Legislação

63 - Construção Compartilhada do Conhecimento: Reflexões sobre a potência do diálogo em relações sociais desiguais

Ana Lúcia Tarouquella Schilke, Fátima Júlia Martins Da Silva e Rita Nogueira de Rezende de Carvalho

anaschilke@gmail.com

A hospitalização é um acontecimento que traz uma série de mudanças significativas na vida das crianças internadas. Durante este período, as crianças e seus responsáveis vivem momentos em que escolhas simples de sua vida como: a hora de tomar banho e/ou a hora e o quê comer, são ações que passam a fazer parte de uma rotina médica que contam com a participação dos mesmos de forma bastante reduzida. Pensar em estratégias pedagógicas que possibilitem problematizar a participação infantil no espaço hospitalar é uma das questões a ser enfrentada, e que tem mobilizado o trabalho dos professores de uma classe hospitalar em um hospital público pediátrico no município de Niterói, RJ/Brasil. A partir da escuta sensível e da construção compartilhada de conhecimento, foi desenvolvido uma série de atividades pedagógicas que possibilitaram promover o debate sobre a potência de ações coletivas em um espaço em que as crianças e os seus familiares têm pouca participação na dinâmica da gestão hospitalar. Neste sentido, algumas ações pedagógicas desenvolvidas pelo Programa de Pedagogia Hospitalar, tiveram como propósito fomentar a participação, por intermédio de um autêntico trabalho de mobilização para que possamos compartilhar saberes. Tendo como estratégia a construção de um painel, foi possível criar espaços de trabalho coletivo e de diálogo entre as crianças, funcionários e responsáveis, que colocaram estes sujeitos em um processo de trabalho que intencionava romper com a dinâmica hospitalar que separa e classifica lugares sociais desiguais. Durante a produção do referido painel o diálogo, a partilha e o reconhecimento da potência do saber popular, evidenciou, para aquele coletivo, que apesar de, por vezes, as crianças e seus familiares não terem conhecimento técnico para garantir a saúde das crianças, estes detêm determinados saberes que podem e devem ser reconhecidos como legítimos. Tal aproximação também mostrou que o diálogo além de favorecer o reconhecimento do saber do outro, também evidenciou que as crianças e seus familiares têm informação sobre a dinâmica saúde/doença que podem ser, quando construída de forma compartilhada, favorecer o pleno estabelecimento da saúde das crianças hospitalizadas, além de romper com relações hierárquicas desiguais socialmente construídas.

Palavras-chave: Construção compartilhada do conhecimento; criança hospitalizada; diálogo

65 - Quanto pesa a nossa Saúde Infantil? - Estudo em crianças e adolescentes da zona centro

Paulo Fernandes, Inês Silva e Beatriz Pereira

paulo_brites_18@hotmail.com

O excesso de peso e obesidade nas crianças é atualmente apresentada como uma epidemia, cujas consequências deletérias têm cada vez mais reconhecido impacto. A obesidade durante a infância está associada ao desenvolvimento de diversos fatores de risco cardiometabólicos e comorbilidades. Apesar da maior prevalência de obesidade nos adultos, a proporção de aumento de obesos nas crianças tem sido superior ao aumento desta patologia entre adultos.
Objetivo: Conhecer a prevalência de excesso de peso e obesidade em crianças de uma USF do centro do país, por idade e género.
Metodologia: Os participantes foram 285 crianças (149 sexo masculino - 52,3% ,136 sexo feminino - 47,7%), com idade compreendidas entre 0 e 17 anos (8,47±5,08). Como instrumento utilizou-se o programa SClínico e Mim@uf. Quanto aos procedimentos foram recolhidos dados das crianças de um ficheiro abrangidas pelo programa de vigilância de Saúde Infantil até junho 2017. Os dados foram coletados em programa Excel. O tratamento estatístico foi baseado na análise descritiva retrospetiva com recurso ao teste Qui-quadrado para verificar a associação entre as variáveis, utilizando o programa estatístico SPSS versão 23.
Resultados: Constatou-se uma associação estatisticamente significativa entre a obesidade e o género (p=0,03), numa amostra em que 42 (15,3%) e 24 (8,8%) das crianças apresentam excesso de peso e obesidade, respetivamente, sendo que a obesidade prevalece no género masculino com 71,4%. Verificou-se uma associação estatisticamente significativa entre o excesso de peso e a idade (p=0,002), destacando a faixa etária de idade inferior a 2 anos cujo valor se situa nos 26,3%.
Conclusões: Os dados permitem concluir que o excesso de peso e obesidade nas crianças em estudo vai de encontro aos mais recentes resultados mundiais, apontando para uma crescente epidemia. Este estudo transparece a necessidade de atuar na Saúde Infantil e Juvenil, de uma forma multidisciplinar, no sentido de travar a progressão deste problema de Saúde e das consequências deletérias que dele advirão.

Palavras-chave: excesso de peso; obesidade; crianças

75 - Eu brinquei, vocês brincaram… e eles brincam? O direito de brincar nos nossos dias

Ana Lourenço

a_mrl@hotmail.com

As mudanças que ocorreram na sociedade nas últimas décadas, com o apanágio do sucesso, o ritmo desenfreado e o pensamento que brincar não é sério, apresentam consequências dramáticas para o desenvolvimento salutar das crianças. O papel que a atividade lúdica assume enquanto fator determinante para o desenvolvimento pessoal e social da criança e das próprias comunidades tem sido posto de parte. O brincar livre e espontâneo configura-se, hoje em dia, como algo quase em vias de extinção. As crianças são orientadas em atividades estruturadas, pouco diversificadas e o seu tempo livre é reduzido ao mínimo: a agenda de uma criança é tão, ou mais preenchida, que a de um adulto.

É fulcral não esquecer que é na infância que se dá um franco desenvolvimento físico, mental e social, se treinam e aprimoram as competências futuras, se reconhece e experiencia o mundo e se inicia a construção do futuro de todos nós. E as crianças fazem tudo isto, primordialmente, através do brincar. Mas estaremos a dar condições às crianças para que o façam? Estaremos a possibilitar-lhes um crescimento saudável? Será a vivência lúdica, a resposta ao problema social que existe hoje na nossa sociedade – estilos de vida que comprometem o desenvolvimento físico, mental e social das crianças?

Assumir, efetivamente, o brincar como um direito da criança transforma as relações entre pares, as relações com a família e as relações na comunidade com consequente impacto na saúde mental, social e física. Influencia todas as sociedades e culturas, já que brincar é uma linguagem universal, bem como uma forma de integração como podemos verificar, por exemplo, na situação das crianças refugiadas.

Esta comunicação, recorrendo a uma análise de diversas investigações nacionais e internacionais, pretende potenciar a reflexão em torno do direito de brincar, unindo diferentes olhares sobre esta problemática e recuperando vivências passadas de todos nós, ao mesmo tempo que deixa pontes para a defesa e promoção deste direito no futuro. Abordará igualmente desafios que o próprio Comité das Nações Unidas identifica quanto ao cumprimento deste direito, nomeadamente a falta de reconhecimento da importância do brincar; a falta de tempo, oportunidades e espaços para brincar; o défice de natureza; o impacto das tecnologias nas gerações atuais e o género nos brinquedos.

Palavras-chave: direitos da criança; brincar e desenvolvimento; saúde e atividade lúdica

76 - Carta da Criança Hospitalizada - A humanização dos cuidados de saúde às crianças

Anabela Reis
iac-ludica@iacrianca.pt

Investigações demonstram que a hospitalização de uma criança e consequente separação da família tem consequências negativas no seu bem-estar psicológico e emocional. A ida ao hospital, seja para internamento, seja em hospital de dia, é vivida pela criança como uma experiência significativa, durante a qual vai aprender a conhecer o meio hospitalar: os lugares, as pessoas, as rotinas,… Cuidados humanizados, baseados nos direitos da criança, asseguram que o impacto da ida ao hospital seja o mais reduzido possível e contribuem para o bem-estar físico e psicológico da criança.

É neste sentido que surge a Carta da Criança Hospitalizada (CCH), uma publicação que se destina a profissionais de saúde, famílias e crianças e que funciona como um elemento orientador para a avaliação dos aspetos não médicos dos cuidados à Criança, envolvendo assim aspetos organizacionais, psicológicos, emocionais, sociais e éticos. Nos seus dez princípios, define de forma clara um conjunto de direitos da criança que, uma vez garantidos, asseguram a excelência do acolhimento e estadia da criança no hospital.

Estudos recentes em Portugal referem a importância de trabalhar na área da literacia em saúde do cidadão, campo onde a CCH tem um papel muito útil já que é um instrumento que facilita a compreensão da informação sobre saúde, especificamente sobre os direitos das crianças e famílias nesse contexto. Outra das principais conclusões desses estudos é que os profissionais de saúde continuam a ser os maiores veículos de informação para os indivíduos no que diz respeito a recolher informação sobre saúde, daí que seja importante a familiarização dos profissionais com este instrumento.

Pretende-se com esta comunicação refletir sobre a relação entre os cuidados de saúde prestados às crianças e os direitos das crianças, partindo de diversas investigações nacionais e internacionais. Partilhar-se-á ainda o “Zebedeu – Um Príncipe no Hospital”, história adaptada às crianças, que lhes dá a conhecer a sua condição enquanto sujeito de direitos nos serviços de saúde e cumpre assim um dos direitos estabelecidos na Carta da Criança Hospitalizada: o direito a receber uma informação adaptada à sua idade e compreensão.

Palavras-chave: direitos das crianças; cuidados de saúde; humanização

4 - A criança em tribunal: entre os espaços e a participação

Helga Castro

helgacastro@sapo.pt

No sistema judicial português, os espaços da justiça foram desenhados por adultos, estruturados para os adultos e apresentando soluções que dão respostas a exigências de simbologia (jurídica, política, administrativa e social) e de formalidade.
Atendendo a que os tribunais acolhem uma grande diversidade de destinatários, são espaços que incorporam uma dimensão relacional e a expressão de um exercício de poder, mas, sobretudo, que publicitam e expõem o privado, revelam as emoções e os conflitos, onde se monitorizam as competências e se veem as fragilidades… e que configuram uma das condições que permitem operacionalizar o direito de participação das crianças, propõem-se: trazer para o debate os resultados de um estudo de caso múltiplo, desenvolvido junto de quatro tribunais de família e menores, onde se analisa, também, a (des)adequação destes espaços das e para as crianças.
Da investigação resulta que este espaço da justiça é criador de momentos de exclusão das crianças e da infância, é reprodutor de preconceitos, alimenta uma cultura de não participação endémica e é, porquanto, violador dos direitos das crianças, na medida em que não ouve, não escuta e não considera os contributos prestados por todas as crianças que são parte nos seus processos. O(s) espaço(s), mas também o tempo e o modo de comunicar com a criança são, simultaneamente, sintoma e sintomático de uma atitude institucional que desvaloriza, afasta, desconsidera e não é amigável da criança.
Confirma-se que as conceptualizações sobre a infância e as crianças têm repercussões na práxis, uma vez que no âmbito desta jurisdição persiste uma imagem associada à falta de capacidade das crianças, espelhada na e pela sua menoridade, e uma falha no seu reconhecimento enquanto pessoa titular de direitos, a qual não é mais protegida pelo facto de ser "poupada" a intervir e a participar no processo judicial (o qual trará inevitavelmente repercussões no seu quotidiano e no seu projeto de vida).
Sai, pois, reforçado o argumento da contemporaneidade da criança (e não apenas do seu devir), da sua presença na amplitude da vida humana, do contributo válido e valioso que as crianças prestam na composição dos seus mundos vividos e da necessidade da incorporação da cultura da infância junto dos tribunais e dos seus profissionais. Assim, se contribui para promover uma nova forma de reconhecer a criança no espaço da justiça – pela sua presença, pela sua palavra e pela expressão da sua vontade, de modo a que "no fim, as crianças não estarão apenas mais visíveis, mas acima de tudo elas estarão visíveis de uma forma diferente (como decisores com significado)" (Verhellen, 2015, p. 55).

Palavras-Chave: Espaços; participação; crianças; justiça, direitos

24 - Participação de crianças entre os três e os seis anos na aprendizagem: brincar ao ar livre

Joana Da Silva Pinto
pintalgar@gmail.com

O presente estudo tem como objectivo compreender a participação de crianças entre os três e os seis anos na sua aprendizagem quando brincam ao ar livre. O foco é a participação da criança numa perspectiva de cidadania e encarada sob o ponto de vista das suas acções, daquilo que a criança faz.

Os direitos de participação das crianças têm vindo a ser amplamente discutidos ao longo das últimas décadas, particularmente depois da Convenção dos Direitos da Criança, de 1989, e no quadro do novo paradigma de criança como actor social, afirmado pela sociologia da infância. A participação das crianças tem sido vista sobretudo como expressão das suas vozes, no entanto, sublinhamos aqui os aspectos ligados às suas acções. Neste sentido, analisaremos criticamente o papel do jardim de infância, destacando o valor da aprendizagem informal e do brincar enquanto cultura infantil, a educação ao ar livre e o papel da natureza como contexto de aprendizagem.

O presente estudo propõe a realização de um estudo de caso múltiplo etnográfico em três diferentes contextos cujo formato pedagógico esteja assente na realização de actividades livres ao ar livre: um jardim de infância ao ar livre na Noruega; um projecto de educação ao ar livre em Portugal; e um jardim de infância com abordagem ao ar livre em Portugal. Os instrumentos de recolha de dados serão a observação participante, as conversas informais, as entrevistas e os grupos focais, recorrendo a metodologias visuais, como fotografias e vídeos.

Desta forma, os três contextos de recolha de dados, pela sua diversidade, permitem um diálogo entre diferentes opções pedagógicas. Mais do que uma comparação sistemática, dadas as especificidades de cada contexto e seu carácter oficial distinto, é antes nossa intenção mostrar um quadro diverso de ofertas de educação ao ar livre, focando dois diferentes formatos existentes actualmente em Portugal.

Os resultados serão ainda parciais, referentes aos dois primeiros contextos de estudo. Serão alvo de discussão e reflexão questões éticas emergentes do trabalho de campo na Noruega, tendo em conta, particularmente, os desafios que se apresentam à investigação social com crianças em contextos internacionais.

Palavras-chave: Criança; Sociologia da Infância; Brincar; Culturas Infantis; Educação ao Ar Livre

28 - Conexão bebé-mãe: a experiência da prática do Babyoga como um caminho de amor com o Ser-bebé

Graziele Gonçalves Fulber

grazielefulber@gmail.com

O presente trabalho tem por objetivo apresentar um recorte de uma pesquisa de Doutoramento em Estudos da Criança do Instituto de Educação da Universidade do Minho, na especialidade da Sociologia da Infância. A observação participante da experiência das práticas do babyoga foram realizadas na Associação Maternura em ílhavo/Aveiro, denominada Rede de Suporte a Infância e Maternidade. O recorte desta experiência será apresentada através de diversos olhares sobre as práticas vivenciadas do babyoga, envolvendo os bebés e suas respectivas mães, compreendendo o amor e suas influências na relação entre os mesmos, numa perspectiva da sociologia das emoções. Recorro à "cartografia" como abordagem metodológica, que tem vertentes de pesquisa e de intervenção. Trata-se de uma prática investigativa que, ao invés de buscar um resultado, procura acompanhar o processo. Esta pesquisa está em andamento, portanto deixarei algumas notas reflexivas acerca da relação bebé-mãe e o amor na experiência da prática do babyoga. A prática do babyoga, além de promover estímulos multissensoriais para os bebés, une o toque, o movimento, o som, o contacto visual na mesma atividade tornando-a uma experiência salutar no ato de dar e receber amor entre bebé-mãe, gerando laços de afetividade consciencial diante o bebé e a parentalidade.

Enquanto método de pesquisa, a cartografia tem uma série de particularidades. É um método que não se aplica, mas se pratica. Quer dizer, não há um conjunto de passos abstratos, a priori. Todavia, nesta pesquisa, os bebês são os protagonistas, que contam as suas histórias, pelos seus modos de fazer, dizer e ser como atores sociais competentes capazes de mostrarem, a partir de suas perspectivas, as suas ações: o que veem, sentem e expressam no contexto e nas situações em que participam. "É um momento meu e dela, pois ela é segunda filha e parece que não dou-lhe atenção". (fala da mãe – Diário de Campo). A prática do babyoga para esta mãe significa ter um momento exclusivo para as duas. Nos encontros foi percebível a mãe presente e amorosa. Quando o bebé chorava, logo a mãe o segurava no colo até o mesmo ficar tranquilo. Não se pode pesquisar o Amor somente nos livros, nos estudos teóricos a respeito, nas múltiplas opiniões dos sábios, nem apenas nas relações humanas ou nas relações do homem com os outros seres ou com as coisas. A pesquisa do/sobre/com Amor exige o método existencial da vivência individual e relativa ao Ser.

Palavras-chave: Babyoga; Amor; Bebé

36 - Comportamento Proativo na Infância e o Lúdico: Ginásios/Academias Kids em Foco

Gisele Maria Schwartz, Danielle Berbel Leme De Almeida, Renata Laudares Silva, Elisangela Gisele Do Carmo, Raiana Mór Lídice Fukushima, Nara Heloisa Rodrigues e José Pedro Scarpel Pacheco

schwartz@rc.unesp.br

As problemáticas advindas do sedentarismo e da obesidade na infância representam uma preocupação para diversos setores sociais. Uma das possibilidades de iniciativas para vencer esses desafios é a prática de atividades físicas voltadas para atender o público infantil (Kids), nos ginásios/academias. Ainda que esses espaços possam oferecer atividades físicas, nem sempre os métodos privilegiam a vivência efetiva da infância, de modo saudável, significativo e lúdico. Sendo assim, este estudo de natureza qualitativa, teve por objetivo investigar a inserção de atividades lúdicas em ginásios/academias Kids, com intuito de estimular o comportamento proativo. Utilizou-se pesquisa exploratória, desenvolvida por meio de análise das informações expressas nos sites de ginásios/academias, compondo uma amostra intencional de 10 espaços Kids brasileiros, sendo selecionados sites de espaços especializados para o público infantil, os quais apontavam as propostas atualizadas de diferentes métodos de estimulação. Os dados foram analisados por meio da técnica de análise de conteúdo, elaborando-se 3 categorias temáticas a priori: 1- tipos de atividades oferecidas, 2- presença do elemento lúdico, 3- focos de atenção-objetivos. Os resultados indicam que, na categoria 1, houve predomínio de vivências gímnicas e de circuitos de atividades motoras, sendo que o yoga e a natação ficaram em plano secundário. Na categoria 2, verificou-se a preocupação em apontar nos sites que as atividades oferecidas nestes ginásios/academias se pautavam em dinâmicas lúdicas, denotando que o marketing reforça a importância do lúdico nesses espaços, de forma atrativa, para atender, sobretudo, às expectativas dos pais. Porém, notou-se que o lúdico é tomado de modo funcionalista, como recurso auxiliar e estratégia pedagógica para favorecer o aprendizado, mas, não com um fim em si mesmo, vivenciado de forma espontânea. Na categoria 3, os focos de atenção das atividades estavam direcionados, predominantemente, aos objetivos de desenvolvimento de proficiência motora, de habilidades e competências sociais e afetivo-emocionais, o que salienta a preocupação com a proatividade, para além de aspectos motores. Sugerem-se novos estudos com amostras substanciais, a fim de contribuir com outras reflexões acerca da temática envolvendo os espaços kids e a adequação de oferta de atividades lúdicas, respeitando o direito legítimo da criança de brincar.

Palavras-Chave: criança; lúdico; ginásios/academias; proatividade

51 - Study case on Filial Piety and the Children´s Right of Participation in contemporary urban China - Analysis on the first stage of data collection.

Jessica Dreyer

dreyerjessica@gmail.com

The paper reflects on partial data collected for the PhD research on Chinese traditions of Filial Piety - 'Xiào' (traditionally placing the younger generations in a position of respect and submission to elders) - and its relationship with the current understanding on the Rights of the Child in contemporary China. Placing its main focus on the Rights of Participation, the research aims to investigate urban Chinese families' acknowledgment of Xiào, and the degree it influences possibilities for children expressing wishes and desires, and having their opinions considered concerning their lives. The research, designed as a case study, takes place in an international school in urban south China, adopting a qualitative approach. The study, initially designed into two stages (interviews with adults and focus groups with children), involves adults as significant figures in children´s life. Not denying children´s capabilities of providing relevant data about their experiences, the research integrates the Sociology of Childhood theoretical framework. This paper organises collected data from the first stage of the research, analysing the parents´ views on Chinese Filial Piety and its relation with children´s participation in home decision making. First stage findings acknowledge the parents´ attributed meaning for Xiào, considering Filial Piety as respecting elders, accompanying parents, taking care of family and creating personal conditions for performing Xiào. Data collected in the interviews suggest that from the parents´ point of view, children´s participation is not conflictive with Xiào principles. Interviewed parents acknowledged listening to children and giving them a choice is desirable, yet will guide their child rather than giving them free range of choice especially in matters concerning the child´s health, education and character formation. Guiding children "in the right direction" appears as a sign of parents´ efforts to care for their family and develop children's paradigms for Xiao practices. Although the concept of Filial Piety originally appears in traditional Chinese literature considering behavior from younger generations towards their elders, parents mentioned respect, companionship, caring for family and for oneself both addressing their elders and their children in different circumstances. As research continues to develop, these partial findings will be later compared with data collected from the children and the grandparents following steps of this study, aiming to better understand Xiào and its relation with children´s participation in home decision making.

Palavras-Chave: Filial Piety; Participation Rights; Home Decision Making; Research with Children; China

56 - Bullying escolar: a (in)visibilidade do fenômeno

Rosana Farenzena e Beatriz Pereira

farenzena@upf.br

Este artigo dedica-se ao tema do bullying escolar, fenômeno ativo nas escolas, cuja complexidade exige ir além da superfície. Apresenta os resultados de um estudo desenvolvido com três turmas, pré-escola, 1º e 3º ano, de uma escola portuguesa de educação básica. A metodologia qualitativa envolveu observações diárias do contexto durante um trimestre letivo, grupos focais com crianças e entrevistas individuais com professores e funcionárias. Dentre as constatações do estudo destacamos: Práticas de bullying, por diversas formas, são comuns nas diversas turmas. Poucas vezes são identificadas pelos adultos – professores e equipe técnica. Crianças de ambos os géneros exercem papéis de agressoras e de vítimas. Essas últimas estão num lugar social de incapacidade e de não pertencimento. Crianças frequentemente criticadas ou punidas por professores são alvos fáceis dos pares agressores. Trata-se de uma violência intergeracional produzida na escola, determinante de solidão. Um resultado interessante de investigação, observado nas 3 turmas, mostra que o bullying é fomentado por uma criança ou um núcleo – uma dupla ou um trio de crianças de alto desempenho escolar, com retórica de boas práticas – incitam os demais mas se preservam. Conseguem manter as vítimas numa condição de diferença negativa. Pertencer à etnia cigana é um fator automático de discriminação pelos diversos sujeitos da comunidade escolar. Nas três turmas há crianças de etnia cigana vitimizadas, do género feminino na maior parte - também excluídas dos grupos da sua etnia. A participação nos jogos e brincadeiras é condição determinante à pertença - neutraliza fragilidades e evita possível vitimização. Se o estudo evidencia que as crianças expressam, por meios próprios, uma leitura profunda, precisa e propositiva do contexto institucional, suas conclusões apontam para a necessidade de questionar-se um modelo de escolarização, desatento das crianças concretas, dos seus contributos e do seu direito de inclusão e participação.

Palavras-chave: bullying escolar; cultura de pares; participação infantil; violência intergeracional; inclusão

Outros temas em estudos da Criança

5 – Cuidar/Educar na Educação Infantil: a formação das educadoras que atuam com bebês e crianças pequenas em um Projeto de Extensão Universitária

Andressa Martins e Aline Sommerhalder

martinsandressa27@yahoo.com.br

Essa pesquisa será produzida em um Projeto de Extensão Universitária ofertado pela Universidade Federal de São Carlos (Brasil) sobre a temática: cuidar/educar na Educação Infantil. A presente atividade formativa será destinada a profissionais que atuam em um Centro Municipal de Educação Infantil (crianças de 0-3 anos) de um município do Estado de São Paulo/ Brasil. A pesquisa tem como objetivo geral analisar se e como, um Projeto de Extensão Universitária, pode contribuir para a formação de profissionais que atuam na Educação Infantil, especificamente no que se refere aos sentidos atribuídos pelas participantes sobre o cuidar/educar. São objetivos específicos: Levantar e descrever compreensões e saberes de profissionais de Educação Infantil sobre as práticas de cuidar/educar; Planejar e desenvolver um Projeto de Extensão Universitária, tendo como eixo temático cuidar/ educar bebês e crianças pequenas; Desenvolver atividades, no Projeto de Extensão, que intentam promover a ampliação ou ressignificação do sentido atribuído por profissionais de educação infantil sobre o cuidar/educar; Discutir os sentidos atribuídos por profissionais da Educação Infantil acerca do cuidar/educar; Identificar e compreender os sentidos atribuídos por essas profissionais ao cuidar/educar na Educação Infantil foram ampliados e/ou ressignificados a partir da Atividade de Extensão. A partir de temas centrais como formação de professores, Educação Infantil e Cuidar/Educar, construiremos o caminho teórico da pesquisa. Como opção metodológica adotaremos a pesquisa qualitativa, estudo de caso e pesquisa ação. Para coleta de dados utilizaremos como instrumentos questionários, grupos focais e filmagens das intervenções, com transcrições posteriores. A análise dos dados será realizada a partir da análise de conteúdo. Com esta pesquisa espera-se contribuir para a superação da separação entre as práticas de cuidar e de educar na Educação Infantil, buscando o reconhecimento do cuidado/educação enquanto ação indissociável e que deve ser humanizadora. Com a proposta da referida Atividade de Extensão esperamos que os sentidos atribuídos pelas profissionais de Educação Infantil a suas práticas possa ser ampliado e/ou transformado, a partir de referenciais teóricos e da construção coletiva entre as profissionais que atuam nesta Etapa Educativa.

Palavras – chave: Educação Infantil; Cuidar/educar; Formação de Professores

8 - O QUÊ FAZEM AS CRIANÇAS FAZEM NO RECREIO? UM ESTUDO DA CULTURA LÚDICA NO ENSINO FUNDAMENTAL

Fernando Donizete Alves, Aline Sommerhalder e Andressa Oliveira Martins

alves.sommer@gmail.com

Origina-se de uma pesquisa concluída, de abordagem qualitativa cujo objetivo foi identificar e compreender a cultura lúdica vivenciada por 24 crianças, entre 6 e 11 anos de idade, no recreio de uma Escola Estadual de Ensino Fundamental, em uma cidade do interior do estado de São Paulo, Brasil. Teve como aporte teórico autores, como: Brougère, Borba, Kishimoto, entre outros. Foram realizadas 24 inserções de observação participante, durante vinte minutos, por 4 meses. Houve registro em diários de campo e os resultados foram organizados e analisados qualitativamente, com inspiração na Análise de Conteúdo. Dentre os resultados, destaca-se que a participação das crianças no recreio deu-se por meio de uma pluralidade de brincadeiras e jogos, como, cartinhas (bafo), pega-pega, amarelinha, esconde-esconde e jogos com as mãos, aproveitando ao máximo o tempo do recreio (ou intervalo) que era de trinta minutos. Nesse sentido, as crianças conseguiram organizar suas brincadeiras e seus jogos sem maiores dificuldades, dialogando com as possibilidades e limitações do ambiente destinado ao recreio (pátio e a área externa a ele) assim como das regras estabelecidas pela escola (por exemplo: elas não podiam correr), demonstrando muita criatividade na 'adaptação' das atividades lúdicas quando se faziam necessárias. Há um conhecimento produzido pelas crianças no contexto das atividades lúdicas (jogos e brincadeiras) vivenciados no recreio que a escola desconhece ou pouco valoriza, em que elas ensinaram e aprenderam, por exemplo, a organizar-se coletivamente para brincar, definindo as regras, os papéis sociais que cada brincante exercerá; ampliaram seu repertório lúdico, estabeleceram vínculos de amizade e parceria para brincar; colocaram em evidência posturas, comportamentos, atitudes como respeito, amorosidade, cooperação, competição, ética etc; vivenciaram em plano concreto inúmeros conteúdos abordados em sala, como, por exemplo, os relacionados às linguagens matemáticas etc. Conhecimentos esses que poderiam corroborar, numa via de mão dupla, com as atividades pedagógicas propostas no contexto de aula valorizando essas produções das crianças assim como as fomentando. O recreio é um espaço de encontro, de relações e de experiências brincantes muito rico em trocas culturais e aprendizagens.

Palavras-chave: Recreio Escolar; Criança; Cultura Lúdica; Ensino Fundamental

9 - Por uma Política Nacional para a Educação Infantil: os Cadernos da COEDI (1994-1998)

Simone Peres

simonevaliate@gmail.com

O estudo busca situar o leitor no cenário das políticas para a Educação Infantil a partir da Coordenação Geral de Educação Infantil (COEDI) e materializada com a elaboração dos Cadernos da COEDI durante os anos de 1994 a 1998. Neste período, A Coordenação Geral de Educação Infantil (COEDI) produziu cinco Cadernos: "Política Nacional de Educação Infantil" de 1994; "Por uma Política de Formação do Profissional de Educação Infantil" também de 1994; "Critérios para um Atendimento em Creches que Respeite os Direitos Fundamentais das Crianças" de 1995; "Proposta Pedagógica e Currículo em Educação Infantil" de 1996; e "Subsídios para Credenciamento e Funcionamento de Instituições de Educação Infantil" de 1998. A pesquisa visa identificar quais as concepções de criança, infância e Educação Infantil estão presentes nos documentos. Buscamos refletir sobre a historicidade do atendimento destinado à infância, com particular atenção para a educação das crianças pequenas. Objetivamos construir um caminho de discussão retomando aspectos de fins do século XIX e ocorridos na década de 1990 na elaboração da política em relação à educação das crianças pequenas. É importante, ainda, não nos furtarmos a uma observação quanto ao que o Brasil vive atualmente em relação a proposta de uma base curricular comum nacional para a Educação Básica. A Educação Infantil se torna alvo, junto com as demais etapas, de um currículo que uniformiza e descaracteriza as infâncias. Assim, torna-se legítima a atenção aos Cadernos da COEDI – uma produção sustentada por pesquisas e pesquisadoras envolvidas com as causas da Educação das crianças pequenas. Como fontes analisamos os Cadernos da COEDI, a Constituição Federal de 1988, o Estatuto da Criança e do Adolescente de 1990, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN 9.394/96). Pautada na análise documental e bibliográfica a pesquisa busca evidenciar a importância histórica e política da elaboração dos Cadernos da COEDI como uma proposta de Política Nacional para a Educação Infantil nos anos de 1990. Quanto às fontes secundárias, colaboraram para o estudo as obras para a compreensão da história da infância e da Educação; como também as relacionadas ao acompanhamento das políticas públicas em Educação Infantil. Assim, dialogamos com Khulmann Jr. (2002, 2015); Faria Filho (2004, 2007); Sarmento (2002, 2005, 2009); Campos e Rosemberg (1993, 1995); Rosemberg (1992, 2003); Kramer (1982, 1984, 1989, 1999, 2003); Corsino (2012); e outros.

Palavras-chave: Educação Infantil; Política; Cadernos da COEDI

11 - Los espacios como recurso en educación infantil

Clara Isabel Fernández Rodicio and Cristina Manteca Pérez

cirodicio@uvigo.es

Los espacios, dentro del ámbito educativo, van mucho más allá de su concepto habitual referido a una dimensión física. En educación, es necesario hablar de ambientes de aprendizaje y su importancia dentro del proceso educativo ha dado lugar a que se conviertan en un elemento curricular fundamental a tener en cuenta por todos los profesionales educativos.
En este trabajo, se pone de manifiesto el proceso de investigación llevado a cabo con el objetivo de conocer si los maestros son conscientes de su importancia y aprovechan al máximo la potencialidad de los espacios que están a su disposición.
La investigación se llevó a cabo en el colegio Público de Cantabria (España), con siete tutoras de la etapa de educación infantil, una maestra de apoyo, dos técnicos y una maestra en prácticas.
El análisis de los resultados de la investigación, pone de manifiesto que los profesionales de la etapa son conscientes de la importancia de los ambientes de aprendizaje en el proceso educativo pero que su distribución y aprovechamiento no es el óptimo, por lo que finalmente se proponen unos aspectos de mejora entre los que el psicopedagogo cumple un papel fundamental.

Palavras-chave: espácios; ambientes de aprendizaje; educación infantil

14 - Estudos da infância no hemisfério sul: investigação nos países africanos de língua portuguesa

Letícia de Souza

ticinha_lety@yahoo.com.br

Partindo de enfoques do campo da Sociologia da Infância e tendo como bases as discussões de autores como Qvortrup (2010), Sarmento (2007), Montandon (2001), Sirota (2010), os quais colaboraram com a constituição da infância como construção social, propõe-se refletir como o campo dos estudos da infância repercutiu nos países do hemisfério sul. Na perspectiva das infâncias do hemisfério sul, como se constituiria um diálogo com outro continente, a África? Vendo relevância nos estudos sobre o Sul através de Santos (2010), o qual apresenta as Epistemologias do Sul como alternativa ao paradigma epistemológico da ciência moderna e como uma proposta que combate o monopólio das formas de saber e sua hierarquização a partir do pressuposto de que é necessário ultrapassar o pensamento moderno ocidental e a sua lógica de exclusão (GOMES, 2012), busca-se compreender quem e como se pesquisa a infância, em quais países da África lusófona. São pesquisadores Africanos? Tem-se como objetivo geral: investigar o desenvolvimento dos estudos sociais da infância nos países africanos lusófonos,

para compreender o que e como se tem pesquisado e produzido sobre a infância. Pretende-se realizar um levantamento geral da produção dos estudos da infância nos países de língua portuguesa da África, com o intuito de identificar pesquisadores e as temáticas mais relevantes. Escolher um ou dois países para aprofundamento do estudo, visitá-los para entrevistar os pesquisadores e ter acesso às crianças, aos contextos específicos das culturas e sociedades as quais pertencem. A investigação na África encontra-se em levantamento de dados, mas como principais resultados observa-se que nesses países prioriza-se pesquisas sobre agência, vulnerabilidade, crianças em situação de rua, crianças como atores sociais, diversidades contemporâneas sobre a infância no continente africano como as abordagens de estudo dos pesquisadores. Ao final as investigações pretendem estabelecer interlocução com os estudos da infância encontrados serão colocados em diálogo com a produção do Brasil e de Portugal, na possibilidade do estabelecimento fecundo de diferenças e proximidades de pesquisa, metodologias e referencias teóricas.

Palavras-chave: Estudos Sociais da Infância; Pesquisas e produções; Hemisfério Sul; África Lusófona; Infâncias africanas

16 - O que é ser bebé da cultura cigana em Portugal

Fernanda Seára Cera

nanda34@terra.com.br

Este estudo integra uma investigação em fase inicial e tem como objetivo compreender o que é ser bebé em comunidades ciganas em Portugal, incorporando um desafio de proximidade e compreensão desta cultura e deste sujeito. Os bebés participam, agem e atuam na sua comunidade e estudá-los implica desocultar este sujeito a partir de uma categoria social, aqui relacionada com a etnia cigana. Os bebés são seres vulneráveis, mas também são sujeitos da sua história, são portadores de uma ação social que influencia a rotina e o cotidiano dos sujeitos que estão envolvidos na sua proteção e cuidado. No convívio do bebé dentro da cultura cigana, o que se sabe é que são mantidos sempre perto de alguma pessoa mais velha e participam de todas as atividades diárias da família. As famílias ciganas possuem uma configuração e tradições próprias, tanto na sua organização quanto na rotina e interações. Para esclarecer sobre estes aspetos, Casa-Nova (2008) afirma que as crianças, desde bebés, têm sua rotina de acordo com a rotina de vida dos adultos, considerando que geralmente participam do quotidiano das feiras e de grandes festas, como o casamento. Desta forma, optámos pelo método etnográfico que está progressivamente relacionado com a observação das práticas dos grupos humanos e a técnica utilizada será a observação participante. O estudo centrar-se-á nos processos de convivência e interação entre as pessoas envolvidas e os significados que emergem deste processo, sendo importante os significados expressos ou implícitos nos comportamentos, nas

comunicações e nas interações entre as pessoas. Buscamos a compreensão de como eles se articulam e orientam as práticas para assim entender o que é ser bebé em comunidades ciganas. Espera-se, portanto, que o impacto social deste estudo fomente questionamentos sobre a importância da investigação para a vida das crianças e da comunidade que cuida dela, divulgue as formas da cultura, como tradição a ser respeitada e incentive a pesquisa sobre bebés em contextos distintos.

Palavras-chave: bebé; etnia cigana; Sociologia da Infância; família

17 - Intervenção em habilidades sociais e bullying: um ano de follow up

Jorge Luiz Da Silva, Isis Pires Gonçalves, Beatriz Oliveira Pereira e Marta Angélica Iossi Silva

jorgelsilva@usp.br

O bullying compreende a manifestação intencional de atitudes violentas e repetidas que são praticadas por uma ou mais pessoas em relação a seus pares. É considerado um problema importante a ser investigado e enfrentado nas escolas por exercer efeitos negativos sobre o desenvolvimento e o bem-estar físico e psicossocial dos estudantes. Esta pesquisa apresentou por objetivo verificar se a melhoria de habilidades sociais reduz a vitimização por bullying em estudantes do 6º ano escolar após 12 meses da finalização da intervenção. Trata-se de um estudo realizado com estudantes do 6º ano do Ensino Fundamental de seis escolas públicas da cidade de Ribeirão Preto, SP, Brasil. Participaram 78 crianças vítimas de bullying (idades entre 10 e 12 anos), 38 no grupo de intervenção e 40 no grupo de comparação. Foram realizados oito encontros semanais com duração de 50 minutos cada. As habilidades sociais trabalhadas nos encontros relacionavam-se à comunicação interpessoal, estabelecimento e manutenção de amizades, prevenção e gerenciamento de conflitos, autocontrole emocional e resolução de problemas. Modelos de regressão de Poisson com efeito aleatório foram utilizados para a análise dos dados. Os resultados indicaram que apenas o grupo comparação apresentou redução significativa em relação à vitimização física ($p=0,013$). A vitimização verbal reduziu-se significativamente para ambos os grupos: intervenção ($p=0,0008$) e comparação ($p=0,0045$). A vitimização relacional igualmente reduziu-se significativamente para as vítimas dos grupos intervenção ($p=0,0024$) e comparação ($p=0,0006$). Não houve diferenças significativas em agressão. Somente o grupo intervenção apresentou redução significativa na dificuldade em praticar as habilidades sociais ($p=0,026$). A redução significativa na dificuldade em praticar habilidades sociais manteve-se ao longo do tempo, demonstrando o sucesso da intervenção em relação a essa variável que representa um aspeto importante na interação entre pares, especialmente nos períodos de transição escolar. Entretanto, como a redução significativa da vitimização na amostra investigada não pôde ser atribuída exclusivamente à melhoria nas habilidades sociais, embora tenha havido uma maior redução no grupo de intervenção, sugere-

se que outros modelos de intervenção sejam testados na realidade brasileira, com vistas à identificação daqueles mais efetivos em relação à vitimização por bullying.

Palavras-chave: Bullying; Habilidades Sociais; Intervenção

21 - Infância, crianças e participação: questões em debate

Lisandra Ogg Gomes

lisandraogg@yahoo.com.br

A participação das crianças e da infância é um assunto que vem sendo tratado no meio acadêmico, pois há na construção da infância uma posição social arbitrária que as exclui dos assuntos que lhes dizem respeito e que ainda são decididos exclusivamente pelos adultos. Nesse sentido, esta pesquisa tem como principal problemática o mapeamento, a análise e compreensão das formas de participação da infância – crianças de 0 a 12 anos – na sociedade brasileira. Os recentes estudos desenvolvidos nos campos da educação e da sociologia indicam que as configurações formadas entre as gerações produziram espaços sociais próprios para as crianças, nos quais elas têm seus interesses e ações sociais reconhecidos e legitimados. Ainda que esses espaços reconhecidos sejam, sobretudo, a família e a escola, elas estão e atuam nas diferentes instâncias sociais, como, por exemplo, igreja, comunidade, rua, ambientes virtuais, etc., e interferem nas dinâmicas das instituições. Sendo assim, este estudo teórico sociológico-educacional recorre a dados de natureza qualitativa e quantitativa com o objetivo de mapear, comparar e compreender as formas de atuação das crianças na sociedade, e, assim, entender os impactos culturais, políticos e econômicos na infância. A proposta metodológica para este estudo é o exame das produções bibliográficas, sobretudo as sociológicas e educacionais, a respeito da participação e das políticas para a infância. Também foi realizado um levantamento e mapeamento de projetos e propostas nacionais que tenham as crianças como atuantes e participantes nos seus espaços sociais. Os resultados indicaram que a complexidade dessa participação está no fato de que se, por um lado, as transformações socioculturais reconhecem cada vez mais as crianças como sujeitos de direitos e atores sociais, por outro lado, elas precisam de proteção e provisão, e isso acaba por privá-las de uma maior ação e reconhecimento sociopolítico.

Palavras-chave: Participação; Infância; Crianças

27 - CRIANÇAS E VIOLÊNCIA EM CONTEXTO ESCOLAR

Gislene De Souza e Maria Emília Vilarinho Zão

gislene_caabral@hotmail.com

No Brasil é possível notar que o tema violência tem sido amplamente estudado e investigado, mas não com foco para as concepções de crianças a respeito desse assunto. Desse modo, o objetivo principal desta investigação é compreender as concepções de violência que as crianças pequenas constroem, por meio das relações que estabelecem na escola com outras crianças e com a professora, bem como registrar e analisar quais são os tipos de violências que elas vivenciam na escola. Para tanto, para compreender tais conceções, temos como premissa metodológica, para desenvolver este projeto de tese de doutoramento, um estudo ancorado na etnografia com crianças. A investigação será desenvolvida com uma turma de crianças da Educação Infantil, com aporte teórico situado nos estudos da Sociologia da Infância. Trata-se de uma pesquisa de abordagem qualitativa, com o desenvolvimento de um estudo de caso. Nesta comunicação apresenta-se o levantamento dos aspectos legais na proteção das crianças, em particular os que acautelam a violência contra elas, bem como da produção académica com enfoque nas perceções de crianças sobre violência no contexto escolar. Reflete-se ainda acerca dos caminhos apropriados para estar, escutar, brincar, observar, fotografar, filmar, gravar, desenhar e cantar com crianças no cotidiano de uma turma da Educação Brasileira. Nesta fase do estudo é possível identificar marcos importantes na legislação brasileira e verificar como são escassos os estudos que analisam a problemática a partir do ponto de vista das crianças. Pretende-se, com esta pesquisa, contribuir para os conhecimentos produzidos no âmbito dos estudos da infância, em especial no campo da Sociologia da Infância e da Educação Infantil.

Palavras-chave: Criança; Educação Infantil; Violência em contexto escolar; Etnografia

29 - Paisagem Açoriana como Contributo as Infâncias: Diálogo com o Escritor Joel Neto

Marcio Da Costa Berbat

marcioberbat@yahoo.com.br

Um homem e uma mulher. Um jardim e uma horta. Dois cães. Na obra “A Vida no Campo”, Joel Neto apresenta uma narrativa a partir do pequeno lugar dos Dois Caminhos, freguesia da Terra Chã na Ilha Terceira, arquipélago dos Açores. Rodeado de uma paisagem estonteante, das memórias da infância e de uma panóplia de vizinhos de modos simples e vocação filosófica, no qual vai descobrindo que, afinal, a vida pode ser mais serena e mais livre, e se calhar, mais criança com as infâncias insulares que potencializam uma vida singular no meio do oceano atlântico. Como objetivo, dialogamos na pesquisa em fase de conclusão com os sentidos de

viajar com a memória são pensados neste texto no contexto da experiência geográfica do viver livre em uma ilha de basalto negro, vulcânica, de influenciar a formação humana com as famílias, animais, natureza e suas trajetórias do rural de contato com o lugar como ressaltam John Agnew e Tim Cresswell (Haesbaert, 2017), o lugar não só como um conjunto concreto na realização de relações sociais, mas também os vínculos mais subjetivos de um determinado "sentido de lugar", oferecendo desde a vivência como estrato que penetra o mundo emocional e que pode até ser ligada a religiosidade do divino espírito santo, para os ilhotas, para cristalizar uma forma de viver cunhada por Vitorino Nemésio como Açorianidade, de caráter único, com fortes traços da natureza intocada e penetrante na alma do ser criança. Nesse sentido, ainda para Tim Cresswell, lugar e paisagem se aproximam, com a diferença de que, enquanto paisagem muitas vezes enfatiza um sentido e uma perspectiva, a do olhar (e as representações aí incorporadas), indicando certo distanciamento, no lugar, muito mais do que simplesmente "pensar" sobre o mundo, estamos mergulhados em todos os sentidos da nossa experiência, do "vivido". Dessa forma, concluímos que a obra de Joel Neto pode ser tratada como geográfica, em todos os sentidos, deixando para o leitor um formato de diário fruto da memória, que lembrava ou tinha contato com determinados espaços geográficos, enfatizando o ser do mundo como possibilidade de pensar a contribuição para o mundo real, de hoje, olhando para trás, rindo de suas próprias ações na busca de certa maneira para a produção do espaço e sua organização como ilha, que mesmo tratando-se de um arquipélago, tem formas e vida única, diferenciando pela sua própria cultura, que normatiza a vida em freguesias rurais.

Palavras-chave: Açores; Paisagem; Geografia; Infâncias

38 - Bullying e vídeo games: a relação entre os jogos digitais violentos e o comportamento dos jovens.

Lelio M. Lourenço, Thiago V. S. Stroppa, Beatriz Pereira, Larissa Reis Mancini, Gabriele Santos de Amorim e Leonardo Melo Guedes

leliomlourenco@gmail.com

O bullying é um fenômeno mundial que tem sido alvo de grandes preocupações decorrentes dos elevados riscos que acarreta para os envolvidos e que tem sido cada vez mais destacado na literatura mundial. A relação entre exposição à mídia violenta e comportamentos violentos/agressivos já foi explorada e vários estudos têm mostrado que a exposição à violência na mídia aumenta a agressão. Entretanto, ao contrário da mídia comum, a tecnologia de jogos eletrônicos permite manipulações internas e próprias dos jogos além de conter especificidades que a diferenciam da mídia comum, como, por exemplo, a questão da interatividade do jogador com o jogo. Já existem algumas décadas que pesquisas estão examinando os efeitos de se jogar

vídeo games violentos na agressividade do jogador e esta é uma relação controversa na literatura acadêmica, pois, se por um lado estudos apontam para a existência de uma relação entre jogos violentos e agressividade/comportamentos violentos, outros estudos apontam para a inexistência desta relação. Neste sentido o presente trabalho buscou procurar, investigar, conhecer e discorrer sobre a literatura que aborda a temática da relação entre a utilização de vídeo games violentos e o envolvimento em comportamentos de bullying. Especificamente quando se tem o bullying como forma de violência, detectou-se a partir de uma revisão de literatura que alguns estudos também já se dedicaram sobre a temática da possível relação do mesmo com a utilização de jogos violentos. Neste sentido, são apontadas algumas destas publicações encontradas, suas características e também os resultados obtidos. Vale ressaltar que a relação entre os jogos digitais violentos e o comportamento dos jovens continua a ser contestada na literatura acadêmica, sendo possível encontrar tanto resultados que apontam para a existência de uma relação quanto resultados que apontam para o oposto. Tendo em vista a relevância do fenômeno bullying, o crescente mercado de jogos e a permanência de lacunas diante de diversos tipos de resultados e conclusões obtidas por pesquisas na temática, considera-se importante que novos estudos sejam realizados no intuito de explorar e possivelmente colaborar para clarificar tal situação.

Palavras-chave: bullying; vídeo games violentos; jogos digitais

61 - Criança bilingue em contexto migratório: o projeto lusófono em Bonn, Alemanha

Helza Ricarte Lanz

hl@drlanz.org

A convenção das Nações Unidas sobre os Direitos da Criança (1989) outorga um status legal sobre os direitos identitários em respeito às origens de cada criança. No entanto, muitas crianças que crescem em contextos migratórios, por exemplo na Alemanha, escondem suas identidades, porque as narrativas dominantes fazem com que sintam-se envergonhadas em expor identidades "diferentes" da norma estabelecida. Um projeto de apoio às famílias de crianças bilíngues (1 - 5 anos) que possuem a língua portuguesa como língua de herança foi criado e coordenado pela pesquisadora numa instituição de formação familiar desde 2009-2016. A pesquisa-ação de longa duração permanece atual e tem como objetivos: propiciar um espaço institucional para crianças e famílias lusófonas; incentivar a língua portuguesa como língua de herança; desenvolver uma metodologia adequada à criança bilingue pré-escolar; investigar as práticas bilingues e identitárias das crianças. Ao longo desses anos, aproximadamente 100 crianças estiveram até 2018 envolvidas com o projeto. As perguntas de partida da pesquisa são: o que significa o bilinguismo para as crianças e qual o papel do mesmo

na construção identitária? As técnicas de investigação qualitativa são: observação participante e entrevistas com pais e mães das crianças. Os resultados mostram que há uma necessidade de atualizar e criar novos conceitos que nos possibilitem compreender as interrelações entre línguas, culturas e sociedades. As primeiras experiências das crianças com outras crianças com uma história de vida similar possibilitam desenvolver aspectos importantes de suas identidades ao redesenhar novos padrões de inclusão. Os resultados mostram que as competências sociais, autonomia e capacidade para solucionar problemas podem ser desenvolvidas e alcançadas com mais facilidade num peer-group com experiencias similares de diversidade. Especialmente em contextos de migração, o desenvolvimento da auto-estima e de mecanismos de resiliência tornam-se essenciais para a inclusão dessas crianças na sociedade.

Palavras-chave: Bilinguismo; Desenvolvimento psico-social da criança bilingue; Migração

Doutoramento em Estudos da Criança

O Ciclo de Estudos Conducente ao Grau de Doutor em Estudos da Criança tem a duração de 3 anos (em regime de tempo inteiro, com 6 semestres curriculares) e de 5 anos (em tempo parcial para estudantes-trabalhadores), num total de 180 ECTS.

Apresenta, de acordo com a legislação em vigor, uma estrutura curricular em 5 áreas de especialização:

- *Educação Física e Saúde Infantil* (Educação Física e Lazer, Saúde Infantil)
- *Infância, Desenvolvimento e Aprendizagens* (Matemática Elementar, Metodologia e Supervisão em Educação de Infância, Psicologia do Desenvolvimento e da Educação)
- *Educação Artística* (Educação Musical, Educação Dramática, Comunicação Visual e Expressão Plástica)
- *Educação Especial* (Inclusão e Necessidades Educativas Especiais, Intervenção Precoce)
- *Infância, Culturas e Sociedade* (Sociologia da Infância, Direitos da Criança, Políticas Públicas para a Infância, Literatura para a Infância).

Este Ciclo de Estudos visa, essencialmente, o desenvolvimento de: capacidades de compreensão sistemática num domínio científico de estudo; competências, aptidões e métodos de investigação associados a um domínio científico; capacidade para conceber, projetar, adaptar e realizar uma investigação significativa, respeitando as exigências impostas pelos padrões de qualidade e integridade académicas.

Acesso a estudos superiores

Uma vez que este curso é de 3º Ciclo, ele confere capacidade técnico-científica para acesso a outros cursos, nomeadamente a formação de Pós-Doc e a Provas de Agregação.

Universidade do Minho
Instituto de Educação
Campus de Gualtar, 4710-057 Braga
Tel: 253604240 Fax: 253604659
E-Mail: sec-dout-ec@ie.uminho.pt; sec@ie.uminho.pt; URL: https://www.ie.uminho.pt